

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

GRASIELLY DOS SANTOS DE SOUZA

**MEMÓRIAS DA PRIMEIRA DÉCADA DE FUNCIONAMENTO DA CASA  
ESCOLAR LOURENÇO ORMENEZZE: UMA NARRATIVA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CORNÉLIO PROCÓPIO - PR  
2017

GRASIELLY DOS SANTOS DE SOUZA

**MEMÓRIAS DA PRIMEIRA DÉCADA DE FUNCIONAMENTO DA CASA  
ESCOLAR LOURENÇO ORMENEZZE: UMA NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina TCC 1, do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Maria Andrade Gonzalez

CORNÉLIO PROCÓPIO - PR  
2017



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Câmpus Cornélio Procópio  
Diretoria de Graduação  
Departamento de Matemática  
Curso de Licenciatura em Matemática



---

---

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### BANCA EXAMINADORA

---

Mirian Maria Andrade Gonzalez  
(orientadora)

---

Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa

---

Cíntia Aparecida Paião

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a banca pela cuidadosa e comprometida leitura; pelas sugestões.

Agradeço a tantos e por tantas razões, mas agradeço especialmente a Profa. Dra. Mirian Maria Andrade Gonzalez por me orientar, ensinar, exigir, dialogar, enfim, por ser amiga.

Aos meus amigos do curso.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

A história Oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para o futuro construído por elas mesmas.

(THOMPSON 1998, p. 337 apud ALVES, 2016, p. 1)

## RESUMO

SOUZA, G. S. **Memórias da primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze**: uma narrativa. 2017. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2017.

Esse texto apresenta uma pesquisa que teve como objetivo disparar uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze (1961 – 1971), localizada no município de Bandeirantes-PR. É um trabalho em História da Educação Matemática e a metodologia que orienta a pesquisa é a História Oral. E, então, pautados teórico e metodologicamente na História Oral os roteiros de entrevista foram elaborados e em seguida as entrevistas foram realizadas. Após a realização das entrevistas, que mobilizaram as memórias destes colaboradores, os áudios foram transcritos e textualizados, produzindo narrativas que os depoentes nos cederam para uso nessa investigação por meio de cartas de cessão de direitos. Essas narrativas é que dispararam a nossa narrativa sobre a Casa Escolar Lourenço Ormenezze.

**Palavras-chave:** História Oral, Formação de Professores, História da Educação Matemática. Escola Rural.

## **The First decade memories of the house Lourenço Ormenezze: a narrative**

### **ABSTRACT**

This text presents a research that aimed to trigger a narrative about the first decade of workings of the School House Lourenço Ormenezze (1961 - 1971), located in the city of Bandeirantes - PR. It is a work in History of Mathematics Education and the methodology that guides the research is Oral History. And then, guided theoretically and methodologically, in Oral History the interview scripts were elaborated and then the interviews were carried out. After the interviews, which mobilized the memories of these collaborators, the audios were transcribed and textualized, producing narratives that the deponents gave us for use in this investigation through letters of assignment of rights. These narratives are what triggered our narrative about the School House Lourenço Ormenezze.

**Key words:** Oral History, Teacher training, History of Mathematics Education, Rural School.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa da Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense.....	15
<b>Figura 2</b> - Mapa da Mesorregião Norte Central Paranaense.....	15
<b>Figura 3</b> - Mapa da Mesorregião Noroeste Paranaense.....	15
<b>Figura 4</b> - Grupo Escolar Rural de Bandeirantes – PR.....	21
<b>Figura 5</b> - Professora Neiva Ormenezze, em frente a Casa Escolar.....	24
<b>Figura 6</b> - Alunos e a População em frente da Casa Escolar junto com a Professora, em 1965 .....	25
<b>Figura 7</b> - Novo prédio da Casa Escolar, construído em 1975.....	26
<b>Figura 8</b> - Fachada da Escola no ano de 2003.....	27
<b>Figura 9</b> - Fachada da Escola nos dias atuais - ano de 2017.....	28
<b>Figura 10</b> - Letreiro da Escola nos dias atuais vista de dentro da quadra - ano de 2017 .....	28
<b>Figura 11</b> -Panfleto da Campanha.....	37
<b>Figura 12</b> -Turma dos alunos da 1º ano até o 4º ano, de 1969.....	38
<b>Figura 13</b> - Formatura dos alunos da 4º ano de 1971.....	38
<b>Figura 14</b> - Venda do Bairro Ormenezze, onde o proprietário era o Sr Ricierre Ormenezze..	39
<b>Figura 15</b> – Família Ricierre Ormenezze.....	40



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CRIAÇÃO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS RURAIS .....</b>	<b>13</b>
1.1 A colonização do norte paranaense.....	14
1.2 O ensino rural no Paraná.....	17
1.3 Os diferentes modelos de escola primária rural: da Escola Isolada aos Grupos Escolares. .....	19
1.4 - Ruralismo Pedagógico .....	21
<b>LANÇANDO UM OLHAR PARA UMA ESCOLA RURAL .....</b>	<b>23</b>
2.1- Casa Escolar Lourenço Ormenezze - Contexto Histórico .....	24
2.2 - Caracterização da sociedade .....	29
<b>HISTÓRIA ORAL: uma escolha teórico-metodológica.....</b>	<b>31</b>
3.1 Procedimentos metodológicos .....	35
3.1.1 Campanha “Minhas memórias” .....	36
3.1.2 O caminho das entrevistas.....	40
3.1.3 Os roteiros das entrevistas.....	44
<b>TEXTUALIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>47</b>
<b>É DE SONHO E É DE PÓ, É DE MEMÓRIAS E É DE VIVÊNCIAS: uma narrativa sobre a primeira década da Casa Escolar Lourenço Ormenezze .....</b>	<b>71</b>
<b>Considerações... ..</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

Início este texto, na primeira pessoa do singular (por ora), pois é uma história que estabelece um contato comigo mesma e com as minhas origens, com os meus familiares e com os meus amigos. Essa história me faz chegar neste trabalho. São experiências vividas em uma escola do meio rural, localizada no Bairro Ormenezze, no município de Bandeirantes-PR, que integram situações e ambientes, proporcionando noções para se refletir e investigar a organização do ensino de matemática na escola rural. Tais experiências compõem etapas com características particulares que constroem um contexto mais amplo que trazem novas descobertas.

A decisão de trabalhar com este tema se deu pelo fato de eu sempre morar na zona rural. Dessa forma comecei meus estudos de Ensino Fundamental I em uma escola rural, denominada com Escola Rural Municipal Ricierre Ormenezze, localizada no Bairro Ormenezze, em Bandeirantes –PR, onde estudei até a 8ª série do Ensino Fundamental II.

Com 5 anos, comecei a estudar na Escola Rural Municipal Ricierre Ormenezze onde passava todas minhas manhãs estudando, utilizava transporte público para ir até a escola, os professores que lecionavam moravam ali nas redondezas da escola, com um número pequeno de alunos, todos filhos de trabalhadores rurais. Esse era o cenário da escola que estudei até a 4ª série.

Depois, aos 11 anos, passei a estudar no período vespertino, na mesma escola física, mas que, no período da tarde, se chamava Escola Rural Estadual Lourenço Ormenezze, onde se mantinha o mesmo cenário físico, com uma única diferença, os professores agora vinham da cidade para ministrar as aulas.

Ao encerrar o ciclo do Ensino Fundamental, pelo motivo de essa escola não ter o Ensino Médio, fui estudar numa escola que se localizava na cidade, na zona urbana. Ainda morando no sítio comecei meus estudos no Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros, na cidade de Bandeirantes-PR.

Iniciei, então, após a conclusão do Ensino Médio, minha graduação na UTFPR-CP Universidade Tecnológica Federal do Paraná, cursando Licenciatura em Matemática, nunca escondendo minhas origens, porque sinto muito orgulho de ter estudado numa escola rural, e sempre que posso vou visitar minhas primeiras professoras.

Quando comecei a pensar sobre um tema para desenvolver o meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, tive muitas dúvidas, a única certeza que eu tinha é que eu queria

algo voltado para a Educação Matemática. Pesquisei vários temas, mas não tive aquela vontade enorme em aprofundar os estudos em nenhum dos temas que havia pesquisado.

Ao começar a cursar a disciplina de História da Matemática, disciplina esta que faz parte da grade curricular obrigatória do curso, conheci a Professora Mirian que desenvolve suas pesquisas na linha de pesquisa de História da Educação Matemática e tem uma proximidade com a metodologia de História Oral.

Nessa disciplina, então, houve um momento em que desenvolvemos uma pesquisa sobre a escolaridade dos familiares, uma pesquisa que englobou estruturas físicas e pedagógicas da escola onde algum familiar tivesse estudado. Ao desenvolver essa pesquisa pude conhecer o ambiente escolar em que minha mãe estudou, uma escola rural que funcionava naquele tempo e achei muito interessante.

Quando fui conversar com a Professora Mirian sobre a pesquisa que eu tinha desenvolvido, contei, também, a minha história de escolaridade para ela, relatei que queria desenvolver meu TCC com ela porque estava gostando muito do que estávamos estudando na disciplina, mas ainda não tinha um tema para desenvolver o trabalho.

Então, começamos a conversar e voltei às minhas pesquisas sobre o que se poderia ser estudado. Depois de um tempo a Professora Mirian me propôs estudar sobre a escola em que eu havia estudado. Adorei a ideia porque sempre mostrei minhas raízes e há um orgulho em mim de ter estudado numa escola rural.

Depois disso comecei a pesquisar sobre a escola e falar com pessoas que tiveram algum tipo de contato com a escola. Me surpreendi muito com tudo que descobri sobre a escola, sobre as características de seu prédio, tais como sala de aula e, também, metodologias de ensino. Com características simples e modestas o prédio escolar, ainda de madeira, era uma forma de oferecer educação para a população que ali residia.

Decidimos<sup>1</sup>, então, estudar essa escola rural, na qual estudei (e que ainda está em funcionamento) na sua primeira década, de tal forma por meio, escrever uma memória da escola, escrever uma história, um documento histórico sobre a sua implantação e primeira década de funcionamento a partir das memórias de pessoas que vivenciaram esse período.

Como metodologia mobilizamos a História Oral por meio de entrevistas com os professores e alunos, que lecionaram e estudaram na primeira década de funcionamento da escola. Queremos olhar, também, a partir da memória dos professores e alunos, como era o ensino de matemática naquela época nesta escola.

---

<sup>1</sup>A partir deste momento iniciamos a escrita do texto usando a primeira pessoa do plural, pois entendemos pesquisa como uma parceria entre aluno e orientador.

Segundo Alberti (2005, p. 155),

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Ao mobilizarmos a História Oral para conduzir pesquisas é preciso optar por modos específicos de pesquisa, buscar por informações e registrar memórias, cuidar dos registros de forma ética, analisar os dados segundo perspectivas teóricas, além de podermos criar narrativas. Uma das características da História Oral, na Educação Matemática, é mobilizar parâmetros qualitativos de investigação que se apoiam na oralidade e na coleta de depoimentos que serão analisados.

Este trabalho de conclusão de curso estrutura-se por esta introdução e mais cinco capítulos. Apresentamos no primeiro capítulo a “Criação das primeiras escolas rurais”, analisando o contexto das escolas rurais no estado do Paraná. No segundo capítulo, “Lançando um olhar para uma escola rural” nos dedicamos a estudar um pouco mais sobre a Casa Escolar Lourenço Ormenezze – Contexto Histórico baseado em um contato com a escola e alguns documentos encontrados por nós. “História Oral: uma escolha teórico-metodológica”, terceiro capítulo deste trabalho, é onde apresentamos a metodologia da pesquisa. O capítulo quatro, intitulado por “Textualizações das entrevistas”, apresenta as textualizações de todas as entrevistas realizadas com os depoentes. Por fim, apresentamos no quinto capítulo, a narrativa final “É de sonho e é de pó, é de memórias e é de vivências: uma narrativa sobre a primeira década da Casa Escolar Lourenço Ormenezze” que foi disparada a partir do nosso olhar para as textualizações do grupo de entrevistados. Encerrando, apresentamos algumas considerações, as referências bibliográficas deste texto e as cartas de cessão de direitos, assinadas por nossos colaboradores, como anexos.

## CAPÍTULO 1

### CRIAÇÃO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS RURAIS

O cenário brasileiro durante o século XX era muito problemático, pois enfrentava desafios políticos, econômicos e culturais que de certa maneira modificaram a visão sobre a educação escolar. Assim um novo caminho começa a ser percorrido na sociedade brasileira, surgindo um processo de mudanças estruturais na sociedade ocupando grandes proporções.

Dentro dessas mudanças é dada ênfase à questão da cultura, que inclui a educação escolar, construindo as ideias de modernização da escola e do ensino. Segundo Pagni (2000, p.49),

A intelectualidade brasileira nascente, durante os anos 1920, viu na educação um modo de formar as “novas elites” para servir o Estado e, ao mesmo tempo, promover a formação da nacionalidade por intermédio de uma cultura nacional e de uma educação moral sólidas que assegurassem o processo de nossa civilização, dentro da ordem estabelecida e sem ruptura política.

A partir da necessidade de acabar com o êxodo rural, isto é, a migração do povo do campo para a cidade, civilizar os brasileiros e a construção do trabalho agrícola, fez com que a escola primária ganhasse um papel de destaque. Assim a escola recebeu a missão de fazer com que essas inúmeras políticas estabelecidas fossem concretizadas com sucesso, causando um grande choque na estrutura escolar.

No entanto, nem tudo foi sucesso, as escolas não receberam os aportes necessários para as suas instalações, apresentando infraestrutura insuficiente e bastante carente, com a escassez de pessoal para dar suporte na administração e materiais para a realização das atividades, tendo assim condições mínimas de funcionamento.

Somente a partir da década de 1930 que surgiram políticas governamentais para se levar a educação escolar ao campo, contudo essa trajetória não foi estável havendo diversas condições adversas. Um grande marco para a educação foi a Constituição de 1934, que pela primeira vez estabeleceu o ensino rural como direito social e definiu um orçamento anual para a manutenção das escolas.

[...] à medida que a colonização foi ocorrendo no Norte do Paraná também foram sendo implantadas escolas para oferecer um mínimo de qualificação e educação para a população, e como esta estava em sua maioria no campo a criação e a construção de escolas rurais foi em grande escala (BAREIRO, 2007, p. 54).

No Paraná a colonização por parte dos cultivadores de café, e o interesse do governo de povoar as terras, fez com que Getúlio Vargas criasse, em 1938, um movimento chamado

Marcha para o Oeste, uma política que tinha como objetivo deslocar as forças de trabalho para a agricultura extensiva, favorecendo uma expansão econômica. O Paraná tornou-se economicamente importante por causa da cultura do café, fazendo com que os povos das diferentes etnias que ocupavam as terras procurassem uma educação para seus filhos.

Nesse cenário a escola rural foi estruturada com tais finalidades:

A escola primária rural foi pensada com uma política estadual, por dois fatores: primeiro relaciona-se à demanda criada, à formação das novas gerações que pudesse garantir a riqueza do estado associada ao rural; segundo, civilizar a população que habitava no meio rural, ensinar não só a ler, escrever e contar, mas hábitos de higiene e valorização da vida no campo (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2013, p. 88).

### 1.1 A colonização do norte paranaense

Imediatamente por volta das primeiras décadas do século XX, se deu a colonização das terras paranaenses, no que se refere ao norte do Paraná, sobretudo, essa colonização se deu com o plantio de café. A ocupação desse território aconteceu com a decorrência da Marcha para o Oeste que estava ocorrendo no estado de São Paulo.

Porém, se rapidamente avançava, essa nova fronteira agrícola não trazia apenas sucessos. Os primeiros sintomas de enfraquecimento das terras da região de Ribeirão levaram Barbosa Ferraz a transferir-se para o norte do Paraná, lá adquirindo grande área de terras entre Ourinhos e Cambará, onde plantou cerca de um milhão de cafeeiros (PADIS, 2006, p. 139).

Segundo Bareiro (2007, p. 34) “a colonização do Norte do Paraná se deu de forma intensiva após a quebra da bolsa de valores e a proibição ao plantio de café nas áreas tradicionais de São Paulo e Minas Gerais”. Para o cultivo de café era preciso terras férteis e o norte do Paraná foi visto como uma fonte rica de terras atraentes para a expansão do café. Tudo isso gerou oportunidades para os fazendeiros de Minas Gerais e São Paulo viessem a colonizar.

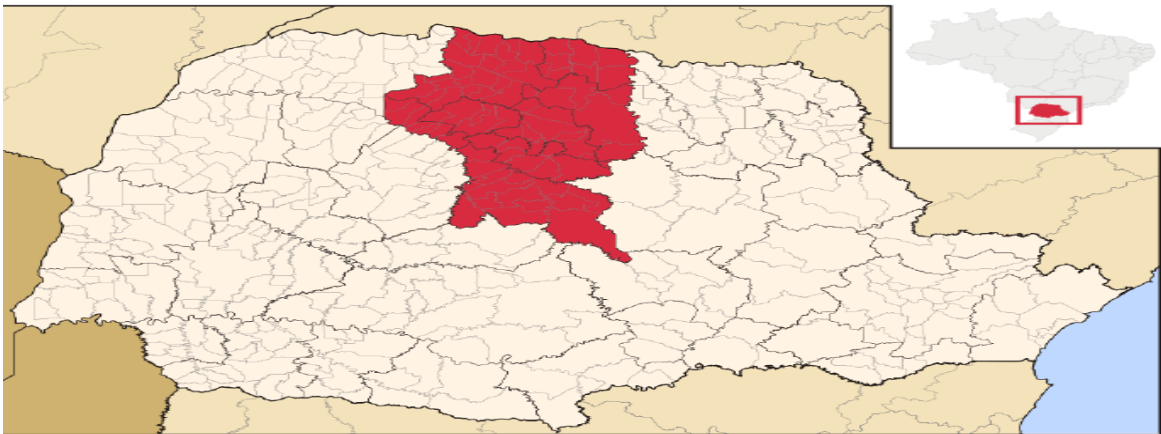
O Norte do Paraná é demarcado por três mesorregiões conhecidas como: Norte Pioneiro Paranaense (compreendida pelos municípios de Assaí, Cornélio Procópio, Ibaiti, Jacarezinho e Wenceslau Braz), Norte Central Paranaense (colonizada entre 1920 e 1950, compreende os municípios de Apucarana, Astorga, Faxinal, Floraí, Ivaiporã, Londrina, Maringá e Porecatu) e o Noroeste Paranaense (Cianorte, Paranavaí e Umuarama), que foram indicados dessa forma pelo episódio de seu tempo de colonização (PARANÁ, 2012b).

**Figura 1:** Mapa da Mesorregião Norte Pioneiro Paranaense.



Fonte:<http://googleimagens>

**Figura 2:** Mapa da Mesorregião Norte Central Paranaense.



Fonte:<http://googleimagens>

**Figura 3:** Mapa da Mesorregião Noroeste Paranaense.



Fonte:<http://googleimagens>

### O movimento expansionista, segundo Serra (1991):

Em fins do século XIX ocorre a desagregação da frente do Paraná velho, estruturada em cima da grande propriedade e tendo como suporte um sistema econômico alimentado basicamente pelo tropeirismo e a pecuária extensiva, e em seguida pela extração e beneficiamento de madeira e erva mate. Praticamente na mesma época entra em crise a economia cafeeira paulista motivada, entre outros fatores, pelo empobrecimento do solo nas antigas zonas produtoras. As duas situações, aparentemente distantes entre si, vão ser significativas no deslocamento do movimento expansionista paranaense rumo à região Norte e na construção da estrutura socioeconômica paranaense do Paraná moderno. (SERRA, 1991, p. 27).

Contudo a venda de lotes de terras no norte do Paraná chamou a atenção de todos. Algumas companhias colonizadoras, das quais se destaca a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que ficou responsável em vender os lotes de terras apresentava atraente propaganda para trazer novos compradores.

Intensa propaganda, acerca do Norte do Paraná e das condições da Colonização, foi realizada pela Companhia, sobretudo através de jornais de grande circulação, principalmente em São Paulo, com o objetivo de atrair colonos nacionais. A aquisição de lotes rurais era facilitada em prestações, até quatro anos, aos juros de 8% ao ano (...) Ao comprador era exigida a reserva de 10%, na propriedade adquirida, de área floresta. A companhia prestava ainda, transporte e assistência inicial dos colonos. (...) o sistema de colonização praticado pelo Governo do Estado, foi semelhante ao da Companhia de Terras Norte do Paraná, vendendo suas terras em pequenos lotes agrícolas, exceto nos casos da colônia Centenário que foi loteada em fazendas, e de Paranavaí, onde as propriedades rurais eram de dimensão variada, conforme a sua localização mais próxima ou distante em relação à sede da Colônia (BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, v.1. p. 215, 216 e 217).

Algumas características criadas pela companhia, tais como organização de lotes de terras em pequenas e médias propriedades, nunca foram observadas em outros processos de povoamentos. Essa propaganda fez com que a procura para a compra dessas terras fosse muito alta, além desses fatores a fertilidade do solo juntamente às condições climáticas, foram decisivas para atrair famílias de outras regiões e países para o norte do Paraná, a fim de cultivarem o café.

Todo esse processo de colonização com o cultivo do café permitiu avanços no que diz respeito à formação de estradas, construções de cidades em toda região. Com a cultura do café e um grande número de pessoas vivendo na zona rural, a demanda por educação aumentou expressivamente. Os povos que vieram para o Paraná eram, grande parte, de acordo com a literatura, escolarizados e reivindicaram a educação para seus filhos.



## 1.2 O ensino rural no Paraná

O cenário de colonização, isto é, a vinda de migrantes de toda parte do Brasil a procura de um pedaço de terra para se trabalhar e cultivar o café, especificamente no Norte do Paraná, proporcionou uma ocupação intensa na zona rural. Permitindo, assim, no início século XX, um grande marco de debates sobre a expansão das escolas rurais.

Já no fim do século XIX, no Paraná, aconteceu a ampliação das escolas públicas, que foram instaladas na capital, vilas e povoados (OLIVEIRA, 2001, p.148). As escolas rurais foram criadas por volta de 1920. Segundo Schelbauer (2014), havia 1288 escolas rurais isoladas no Paraná na década de 1930.

A expansão das escolas rurais no Paraná teve relação direta com as frentes de ocupação do território (BAREIRO, 2007), pois a grande preocupação do Governo Estadual era construir escolas rurais que acolhesse essas frentes colonizadoras.

Foi em 1930 que houve uma solidificação no ensino rural, bem como uma organização no sistema de ensino. Com inúmeros debates voltados às perspectivas de uma política educacional a ser introduzida nas escolas rurais envolvendo o Ruralismo Pedagógico - ideal que propunha combater o êxodo rural, fixando o homem no campo – estavam presentes em algumas regiões do país, e cada vez mais havia a necessidade de se adaptar programas e currículos voltados à cultura rural.

Segundo Leite (2002, p. 29), “O ruralismo no ensino permaneceu até a década de 1930, uma vez que a escolaridade mantinha-se vinculada à tradição colonial e distanciada das exigências econômicas do momento”.

Segundo Mendonça (2006, p. 1), a história da educação no Brasil se assume em duas posturas:

a primeira consiste em consagrar o ano de 1930, marcado pelo movimento civil-militar que conduziu Getúlio Vargas ao poder, como ‘marco inaugural’ deste tipo de ensino. A segunda consiste em analisar o ensino rural como imune às disputas políticos-institucionais que o determinaram, falando como se tivesse existido somente ‘um’ tipo de ensino agrícola no país ao longo da primeira metade do século XX, via de regra emanado do Ministério da Educação e Saúde, criado em 1931.

No período de 1934 a 1953, no Paraná, foram criadas as Escolas de Trabalhadores Rurais, a fim de ensinar e capacitar os filhos dos agricultores para as práticas agrícolas. Bareiro (2007) destaca que as Escolas de Trabalhadores Rurais criadas na década de 1940 tinham como localidade:

[as] escolas foram implantadas em regiões de pouca agricultura e áreas maiores para a pecuária. Neste contexto o Norte do Paraná vivia o auge de sua colonização e seus sítios, chácaras e fazendas possuíam escolas. Além disso, essas escolas estavam localizadas nos municípios próximos das grandes cidades como, Curitiba, Ponta Grossa, Paranaguá e Castro e que possuíam maiores contingentes populacionais na época. As políticas do Estado voltadas para as Escolas Rurais não atendem as regiões Norte e Sudoeste do Paraná naquele período e sim às regiões de colonização mais antiga como o litoral e a região colonizada pelo tropeirismo e extração da erva-mate e que já possuía um maior contingente populacional (BAREIRO, 2007, p. 48).

Segundo o que consta no Capítulo I, Dos Fins e Organização, do Regulamento das Escolas de Trabalhadores Rurais do Paraná, de 1938, dispostas entre os artigos temos:

As Escolas de trabalhadores Rurais são internatos de ensino público destinado ao preparo geral de profissionais agricultores e criadores de ambos os sexos, de acordo com os imperativos sociais às necessidades técnicas-práticas da lavoura e da pecuária. (Art. 1º).

Instaladas e mantidas pelo Governo Estadual, as escolas deste gênero devem funcionar, entretanto, no sentido de sua independência econômica, até produzirem o suficiente para manutenção e crescimento próprios. (Art.2º).

Para facilitar o cumprimento do que dispõe o artigo anterior, as escolas serão instaladas em zona rural conveniente. (Art.3º).

As Escolas de Trabalhadores Rurais para o sexo feminino deverão ter funcionamento completamente independente das suas congêneres para o sexo masculino. (Art.4º).

Nas escolas que tratam o artigo anterior, além do preparo agrícola-pastoril, que a mulher do campo deve ter, como natural colaboradora do homem, no amanho da terra, deverá ser ministrada a educação doméstica, a fim de torná-la ótima dona de casa rural. (Art.5º). (PARANÁ (estado). Decreto nº 82, 1939, p. 1).

Através desses artigos podemos ter uma visão de características bem marcantes nas Escolas de Trabalhadores Rurais, sendo elas: um ensino voltado à preparação e ao cultivo da agricultura e atendimento de ambos os sexos. No entanto, percebemos que os objetivos da escola eram diferentes para as mulheres e para os homens. Às mulheres cabia, apenas, ensinar os ofícios para que se tornassem boas donas de casa, considerando-as, neste cenário, uma colaboradora ou uma servidora do homem. Características representativas de uma sociedade que não valorizava a mulher para outros fins que não fosse servir o lar, o esposo e os filhos. Quando fugiam ou tentavam subverter este cenário, era, em grande parte, professoras do ensino primário, uma figura materna e doce, conhecedora dos cuidados necessários para com as crianças.

Na região Norte do Paraná, as primeiras escolas rurais que surgiram foram as escolas isoladas como uma tentativa de resolver os problemas sobre a escola no campo, com características próprias e uma estrutura com muita precariedade. O fato de uma única professora lecionar para todas as turmas, consistia no ensino multisseriado, a falta de qualificação era um fator agravante nessas escolas isoladas que caracterizava um modelo alternativo na educação rural.

Sobre essa precariedade, Faria Filho (2000, p.30) destaca:

Produzia-se a representação da “escola isolada”, aquela que funcionava na casa dos professores e em outros ambientes pouco adaptados ao funcionamento de uma escola pública de qualidade, como sendo um obstáculo quase que intransponível à realização da tarefa educativa.

Para Carvalho (1989, p. 13),

[...] organizar o trabalho nacional era, sobretudo com o concurso de uma escola que disseminasse “não o perigoso conhecimento exclusivo das letras, mas a consciência do dever domiciliário”, fixar o homem no campo, de modo a conter os fluxos migratórios para as cidades e a vitalizar a produção rural.

Desse modo, as escolas rurais visavam não só ensinar a ler e a escrever, mas as práticas de cultivo agrícola para manter a produção e fazer com que o homem ficasse no campo, diminuindo, assim, o êxodo rural.

Com a necessidade de uma educação melhorada para a zona rural, visto que as escolas isoladas apresentavam condições mínimas para a realização de atividades, o Governo, então, cria uma nova modalidade de escola: os Grupos Escolares.

Entre o período de 1940-1941, houve a criação dos Grupos Escolares Rurais, que visava uma nova concepção de escola rural onde trazia junto de si uma nova estruturação de ensino juntamente com uma inovação pedagógica.

### **1.3 Os diferentes modelos de escola primária rural: da Escola Isolada aos Grupos Escolares.**

Dentre os modelos de escolas rurais encontradas no Estado do Paraná, Schelbauer (2014) destaca as seguintes:

[...] as escolas de trabalhadores rurais e de pescadores, subordinadas ao Departamento de Agricultura, da Secretaria de Obras Públicas, Viação e Agricultura - Seção de Ensino Profissional e, posteriormente, ao Departamento de Ensino Superior, Técnico e Profissional, vinculado à Secretaria de Agricultura do Estado; o grupo escolar rural e a escola primária rural, modelo de escola isolada que atendia às populações rurais, também denominadas nos documentos como Casa Escolar Rural (SCHELBAUER, 2014, p.80).

Conforme Schelbauer (2014), de 1932 a 1939, a predominância é das escolas isoladas nas áreas rurais, que apresentavam características de multisseriadas, isto é, um único professor que atende aos alunos em séries e idades diferentes numa mesma sala de aula física.

Lourenço Filho descreve a escola isolada como:

[...] a escola de um só professor, a que se entregam 40, 50 e às vezes mais crianças. Funciona quase sempre em prédio improvisado. É de pequeno

rendimento, em geral, pelas dificuldades decorrentes da matrícula de alunos de todos os graus de adiantamento, falta de direta orientação do professor, falta de fiscalização, falta de material, falta de estímulo ao docente. É a escola típica dos núcleos de pequena densidade de população, a escola da roça, a escola capitulada de “rural” (LOURENÇO FILHO, 1940, p. 658).

O professor era o grande responsável pela escola, além de lecionar as aulas, era responsável por múltiplas funções como merendeiro, faxineiro e diretor. Há, portanto, uma sobrecarga de trabalho, o que dificulta não só a sua permanência na sala de aula como também o seu desempenho pedagógico.

Uma das características marcantes era, também, a baixa formação do professor. Para suprir essa necessidade o governo investia em cursos de formação de professores rurais.

A falta de professores nas escolas isoladas era grande. Um dos motivos podia ser a localização distante da cidade, fazendo com que os professores não quisessem dar aulas e viver longe da família.

Muitos professores não tinham familiaridade com a zona rural e a falta de moradias fazia com que eles não permanecessem por muito tempo lecionando nas escolas, tendo, assim, uma constante mudança de professor, causando impactos não muito satisfatório no processo de ensino e de aprendizagem.

No Paraná no período de 1940-1941, houve a construção de grupos escolares rurais, chamando a atenção de um tipo de escola especial, pois esse modelo de escola vinha com uma nova organização escolar. Segundo Lourenço Filho:

[...] toma o nome de “escolas-reunidas”, se poucas classes possui; de “grupo escolar”, se as mantém numerosas. Aqui, o prédio oferece melhores condições de conforto e higiene, mesmo quando adaptado. As classes apresentam, em geral, efetivo menos numeroso que o das escolas isoladas, e os alunos se distribuem por elas, segundo os respectivos graus de adiantamento. A um dos professores, seja sem regência da classe, ou também com encargos de ensino, entrega-se a responsabilidade do conjunto. O material é menos precário. Aí temos a escola comum nos meios urbanos (LOURENÇO FILHO, 1940, p. 658).

Os grupos escolares rurais propunham conteúdos específicos para o trabalho agrícola, novas tendências pedagógicas, ainda contavam com um diretor, responsável pela organização administrativa e pedagógica. A grande inovação foi ao invés dos alunos serem todos em uma única sala de aula, como na escola isolada, eles foram distribuídos em classes segundo seus conhecimentos.

No Paraná, a localização de um desses grupos escolares se encontra na cidade de Bandeirantes, como nos mostra a imagem:

**Figura 4:** Grupo Escolar Rural de Bandeirantes - PR



Fonte: Relatório 1940-1941 (Paraná, 1941 apud SCHELBAUER, 2014, p. 82).

Em relação à formação do professor, o governo distribuiu um total de 25.000 cartilhas “com o objetivo de comunicar-lhes técnicas muito simples para o ensino fundamental da leitura, da escrita e do cálculo do 1º ano, e para que lhes alcancem fazer a sua escola mais agradável e mais profundamente educativa” (PARANÁ, 1950, p. 30).

Nesse contexto de escolas rurais, pode-se notar que houve mudanças em relação ao cenário das escolas primárias rurais, tanto no meio pedagógico como em termos de instalações, mas todas essas mudanças não foram suficientes. Essa questão educacional rural continuou a ser debatida na década de 1950.

#### **1.4 - Ruralismo Pedagógico**

Nas décadas de 1920 e 1930, surgiu um movimento nomeado como ruralismo pedagógico, que tinha como intuito uma proposta pedagógica de ensino para as escolas rurais. Defendiam uma escola rural voltada ao meio rural, isto é onde dava um aperfeiçoamento nos processos agrícolas para a população.

Para Bezerra Neto (2003), esse projeto de educação dos ruralistas buscou desenvolver:

[...] a ideologia de fixação do homem no campo por meio da pedagogia. Para essa fixação os pedagogos ruralistas entendiam como sendo fundamental que se produzisse um currículo escolar que estivesse voltado para dar respostas às necessidades do homem do meio rural, visando atendê-lo naquilo que era parte integrante do seu dia-a-dia: o currículo escolar deveria estar voltado para o fornecimento de conhecimentos que pudessem ser utilizados na agricultura, na pecuária e em outras possíveis necessidades de seu cotidiano (BEZERRA NETO, 2003, p. 15).

Na década de 1930, o “ruralismo pedagógico” era marcado por ser:

[...] uma tendência de pensamento articulada por alguns intelectuais que formulavam ideias que já vinham sendo discutidas desde a década de 1920 e que resumidamente consistiam na defesa de uma escola adaptada e sempre referida aos interesses e necessidades hegemônicas do setor rural. Esse pensamento privilegiava o papel da escola na construção de um ‘homem novo’, adaptado à nova realidade brasileira e de uma relação ‘homem rural/escola’ pretensamente nova (PRADO, 2000, p. 50 apud WERLE; BRITO; NIENOV, 2007, p. 87-88).

Tendo como principal objetivo a diminuição do êxodo rural, os ruralistas divulgavam uma escola rural que:

[...] impregnasse o espírito do brasileiro, antes mesmo de lhe dar a técnica do trabalho racional no amanhã dos campos, de alto e profundo sentido ruralista, capaz de lhe nortear a ação para a conquista da terra dadivosa e de seus tesouros, com a convicção de ali encontrar o enriquecimento próprio e do grupo social de que faz parte [...] (CALAZANS, 1993, p. 18-19).

Os ruralistas propunham um contexto de elaboração de uma educação teórica e prática, porém, o que ocorria, de fato, era uma educação mais prática do que teórica, embora uma das enormes dificuldades para o funcionamento das escolas rurais era a falta de professores capacitados, ou seja, professores com uma formação adequada para lecionar no ensino rural que desenvolvessem uma prática que abrangesse de fato o cultivo da terra.

Dentro dos pressupostos dos ruralistas, estava a ideia de uma educação voltada para o campo, isto é, que integrasse uma valorização no meio rural, a fim de que o indivíduo pudesse tomar consciência do valor da agricultura, abrangendo somente assuntos voltados para a formação rural. O que interessava mesmo para os ruralistas era um currículo que abordasse as maneiras de lidar com a terra, técnicas de cultivo da lavoura, atribuindo conhecimentos que pudesse beneficiar e melhorar a atuação e a produtividade do homem rural.

## CAPÍTULO 2

### LANÇANDO UM OLHAR PARA UMA ESCOLA RURAL

Apresentamos, inicialmente, os dados da escola, que é nosso objeto de estudo, do modo como aparece atualmente, em documentos oficiais. Os dados de identificação, que seguem, foram retirados do atual Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze (ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO LOURENÇO ORMENEZZE, 2012, p. 8).

**Denominação:** Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze – Ensino Fundamental

**Código do Estabelecimento:** 00176

**Endereço:** Estrada para Santa Amélia, Km12, Bairro Ormenezze

**Município:** Bandeirantes

**Código do município:** 0240

**Dependência Administrativa:** Estadual

**Núcleo Regional:** Cornélio Procópio

**Código do NRE:** 008

**Entidade Mantenedora:** Governo do Estado do Paraná

**Ato de Autorização de Funcionamento:** Res.3798 de 30/12/82

**Ato de Renovação de Reconhecimento de Curso:** 335/08

**Ato Administrativo – Regimento Escolar:** 251/2008

**Parecer de Aprovação – Regimento Escolar:** 071/2008

**Ato Administrativo – Adendo 01 do Regimento Escolar:** 379/2011

**Parecer de Aprovação – Adendo 01 do Regimento Escolar:** 247/2011

**Distância da Escola do NRE:** 40 km

**Localização da Escola:** Bairro Ormenezze – Bandeirantes - PR

**Tipo de escola:** Rural – Do Campo

## 2.1 - Casa Escolar Lourenço Ormenezze- Contexto Histórico

Escola Estadual Lourenço Ormenezze – Ensino Fundamental, situada no Bairro Ormeneze, no Km 12, Estrada para Santa Amélia, no município de Bandeirantes, núcleo regional de Cornélio Procópio, Estado do Paraná, tem como entidade mantenedora o Governo deste Estado. A escola foi fundada em 08/09/1961, na gestão do Governador Moisés Lupion e do Prefeito José Mário Junqueira. Foram seus colaboradores os senhores Dino Veiga, Moysés Augusto Pires e Ricierre Ormenezze.

Fundada em 08 de setembro de 1961, no Bairro Ormeneze em Bandeirantes - PR, a escola funcionou inicialmente em um prédio totalmente de madeira com uma única sala de aula e junto da moradia da primeira professora. Com um ensino multisseriado, isto é, uma única professora atendendo alunos de variadas idades e níveis escolares em uma única sala de aula. Essa é a Casa Escolar Lourenço Ormenezze, que surgiu na localização rural para atender as crianças que moravam naquela região.

Com uma estrutura física pequena, e com condições precárias a Casa Escolar Lourenço Ormenezze atendia de 1ª série até a 4ª série, tendo uma única Professora chamada Neiva. A escola atendia alunos que moravam por todo o seu arredor, a maioria desses alunos era filho de agricultores.

**Figura 5:** Professora Neiva Ormenezze, em frente a Casa Escolar.



Fonte: Arquivos da escola



**Figura 6:** Alunos e a População em frente da Casa Escolar junto com a Professora, em 1965.



Fonte: Arquivos da escola

Em 05 de novembro de 1975 a escola ganhou um novo espaço para sua construção em prédio de alvenaria. Um pedaço de terra doado pelo senhor Ricierre, à prefeitura Municipal, para a construção de um novo prédio ao lado da Capela. Com uma estrutura bem maior que o antigo prédio, contendo agora 04 salas de aula, cozinha, almoxarifado, sala de diretoria, 03 sanitários amplos e área coberta. Com uma nova estrutura e condições melhores de funcionamento a Casa Escolar Lourenço Ormenezze foi inaugurada com novo nome passando a ser Escola Rural Estadual Lourenço Ormenezze.

**Figura 7:** Novo prédio da Casa Escolar, constuído em 1975.



Fonte: Arquivos da escola

Até 1978 a Escola funcionava apenas com 1ª a 4ª séries, tendo como professoras Rosa Maria Miotto e Cleusa de Almeida. Em 1979 iniciou o funcionamento da 5ª série, aumentando gradativamente nos anos posteriores, vindo a funcionar com turmas de 5ª a 8ª série. Em 1989, foi realizado o sonho da comunidade, com a construção de uma Quadra de Esportes, em convênio do Estado com a prefeitura.

A Escola Rural Estadual Lourenço Ormenezze, após ser municipalizada pela, (BRASIL. Medida provisória nº 4.562/92, de 15 de janeiro de 1993. Diário Oficial da República Federativa), passou a dominar-se Escola Rural Municipal Ricierre Ormenezze – Ensino Fundamental de 1ª série a 4ª série, e assim a Escola passou a ser compartilhada com as 5ª a 8ª séries.

De tal forma o prédio Escolar passou a ser compartilhado: no período da manhã a escola funcionava tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal e no período vespertino como entidade mantenedora o Governo do Estado. E se encontra assim até nos dias atuais.

**Figura 8:** Fachada da Escola no ano de 2003.



Fonte: Arquivo da Escola

Em 2011, de acordo com o parecer CEE/CEB nº 1011/2010 de 06/10/2010, a escola passou a ser chamada de Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze.

A Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze – Ensino Fundamental, até o ano de 2011, ofertou os anos finais do Ensino Fundamental - 5ª à 8ª séries/regime de 08 anos, no turno vespertino. A partir de 2012, com a implantação do Ensino Fundamental de 09 Anos, a escola passou a ofertar o ensino de 09 anos (6º ao 9º ano), também no período vespertino.

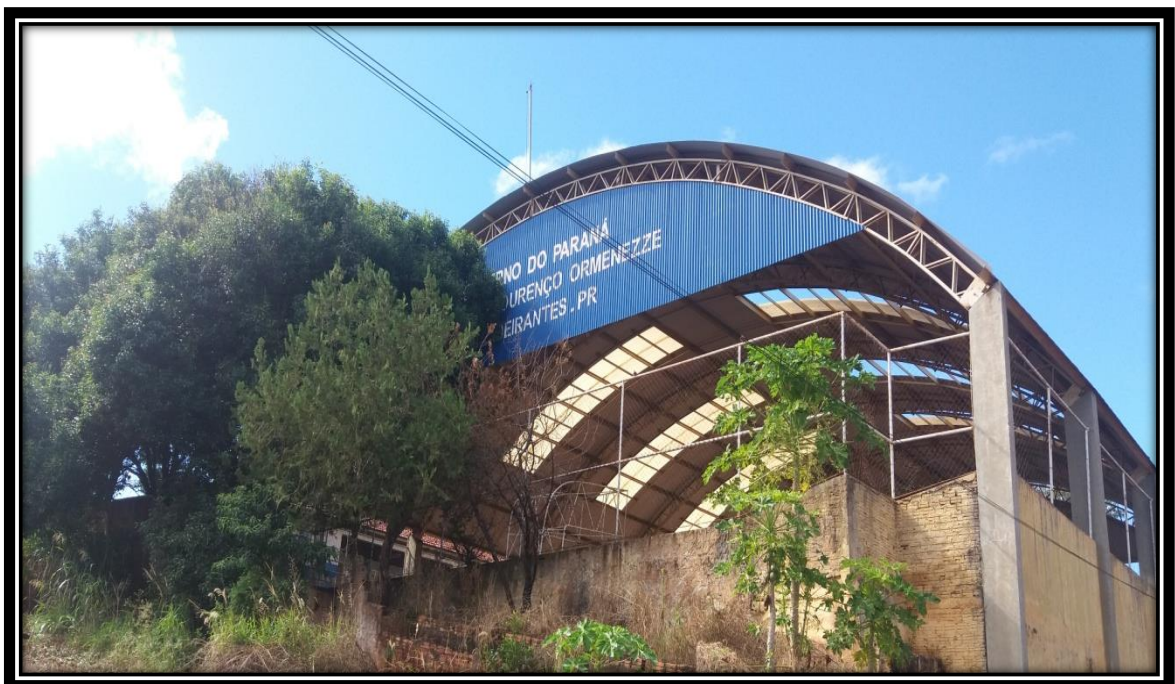
Atualmente a Escola continua funcionando no período matutino e vespertino. No período matutino como Escola Rural Municipal Ricierre Ormenezze- Ensino Infantil e Ensino Fundamental, atendendo em torno de 50 alunos. No período vespertino, como Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze, atendendo em torno de 34 alunos distribuídos de 6º a 9º anos.

**Figura 9:** Fachada da Escola nos dias atuais vista de dentro da quadra- ano de 2017.



Fonte: Autora

**Figura 10:** Letreiro da Escola nos dias atuais - ano de 2017



Fonte: Autora



A Escola Rural Municipal Ricierre Ormenezze- Ensino Infantil e Fundamental I atende os alunos do campo nos seguintes turnos e horários:

### **ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL I**

DIAS	TURNO	HORÁRIO
<b>2ª a 6ª feira</b>	<b>Matutino</b>	<b>7h30 às 11h40</b>

A Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze – Ensino Fundamental II atende os alunos do campo nos seguintes turnos e horários:

### **ENSINO FUNDAMENTAL II**

DIAS	TURNO	HORÁRIO
<b>2ª a 6ª feira</b>	<b>Vespertino</b>	<b>13h às 17h</b>

## **2.2 - Caracterização da sociedade**

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola (ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO LOURENÇO ORMENEZZE, 2012, p.16), o perfil escolar socioeconômico e cultural da comunidade escolar na grande maioria é de médio para baixo. O alunado atendido constitui-se de alunos residentes na zona rural, filhos de trabalhadores rurais e pequenos produtores. Alguns dos alunos são moradores do Assentamento Nova Bandeirantes.

As famílias possuem baixa renda sendo a grande maioria assistida pelo programa Bolsa Escola. O nível de escolaridade dos pais se restringe entre fundamental e médio. Os pais trabalham, geralmente, como assalariados e muitos são boias-frias, têm moradias bem modestas e não têm grandes oportunidades para lazer e cultura.

Todos os alunos, professores e funcionários utilizam transporte público, devido à distância. Os professores, direção e equipe pedagógica são residentes na zona urbana. (ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO LOURENÇO ORMENEZZE, 2012, p. 17). Vindo de uma comunidade carente, os alunos precisam de conhecimentos, amor, atenção, respeito. São promovidas palestras e atividades extraclasse como: jogo, música, dança e festivais. Entre a escola e a comunidade, há um relacionamento bem estreito e contínuo, o que possibilita uma boa interação entre família e escola, facilitando o desenvolvimento do aluno, sua

aprendizagem e suas competências. Para reforçar a aprendizagem, também os pais são convidados para incentivarem seus filhos e também ajudar na orientação de trabalhos.

A Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze, assim como inúmeras outras escolas, apresenta problemas de ordem física, social, política, econômica, cultural, educacional etc., que dificultam o trabalho pedagógico pretendido e o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem. Um dos problemas mais preocupantes desta escola é o pequeno número de alunos, que decorre principalmente da realidade política e cultural, que leva muitos pais a preferirem matricular o filho na “cidade”, achando que vai ter mais vantagens, sendo respaldado pelo poder público municipal, que disponibiliza o transporte, o que diminui a demanda de alunos na escola do campo. A totalidade dos alunos reside na zona rural, sendo alguns filhos de pequenos proprietários de terras, e a maioria moradora de assentamentos e funcionários de sítiantes, que trabalham com rebanhos de gado, estufas de hortaliças e lavouras.

A parte física também se constitui num obstáculo, pois além do espaço, que é compartilhado, a manutenção da estrutura do prédio também é deficiente. Mesmo com as verbas dos programas do governo, nem sempre é possível direcionar para o que é realmente necessário, devido às regras de utilização impostas. O mobiliário, especialmente as carteiras e as cadeiras são deficientes e sucateadas, necessitando de renovação; cozinha e banheiros precisam de reformas; e a pintura também precisa ser renovada.

A Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze – Ensino Fundamental não tem, até o momento, condições físicas para atender os alunos com necessidades educacionais especiais, pois não foram feitas as adequações necessárias pela entidade mantenedora, tanto municipal quanto estadual, como rampa de acessibilidade e sanitários adaptados.

## CAPÍTULO 3

### **HISTÓRIA ORAL: uma escolha teórico-metodológica**

A metodologia de História Oral consiste em realizar entrevistas com pessoas que, de alguma forma, vivenciaram algum momento, que possam a partir de suas memórias contribuir para o estudo e a compreensão de um objeto de estudo. Ou seja, a História Oral se consolida como uma metodologia de pesquisa que visa buscar e registrar relatos orais de pessoas que podem testemunhar sobre algum acontecimento por meio de suas memórias. Assim, é, também, objetivo deste trabalho utilizar as fontes orais dos professores e alunos que vivenciaram de alguma forma a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, utilizando a metodologia da História Oral.

Ao se elaborar um projeto de pesquisa com entrevistas o primeiro passo é especificar a modalidade de história oral a ser utilizada: História Oral Temática ou História Oral de Vida.

A história Oral de Vida centra-se na experiência pessoal do entrevistado, valorizando o protagonismo do indivíduo, estimulando narrativas livres, com perguntas amplas abrangendo a cronologia do vivido. No caso da História Oral temática, a história de vida do depoente também pode compor suas entrevistas, mas ele a narra em torno de um tema específico, geralmente colocado pelo entrevistador/pesquisador. As entrevistas têm como intuito obter dados e informações para a reconstituição de alguns acontecimentos vivenciados pelos depoentes, as entrevistas são gravadas, transcritas e cedidas pelo depoente.

Nesta pesquisa, realizamos entrevistas de História Oral Temática, que foram gravadas, transcritas e textualizadas, seguidas de análise e interpretação dos dados obtidos, buscando as múltiplas visões das experiências vividas pelos depoentes.

A História Oral pauta-se nos depoimentos orais recolhidos das pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centrando-se mais especificamente em um conjunto limitado de temas – distintamente do que se faz, por exemplo, na História Oral de Vida, outra modalidade desse mesmo método, que pretende abarcar as experiências vivenciadas pelos depoentes, por eles relatadas sem a imposição prévia de limitantes ou temas específicos. Pretende-se, na História Oral, reconstruir “aspectos” da vida dos entrevistados, auscultar partes de experiências de vida, em recortes previamente selecionados pelo pesquisador (GARNICA, 2003, p. 32).

Há vários autores que destacam a importância da relação construída entre o pesquisador e o entrevistado. Bem antes de se começar a pesquisa, o pesquisador deve se preparar para a realização desta, para que no momento de contato com o entrevistado haja o compartilhamento de memórias enfocando o objeto de pesquisa. Assim, Thompson, considera que:

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles, capacidade de demonstrar compreensão e simpatia nas reações em relação a eles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1998, p. 254, apud ALVES, 2016, p. 4).

A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) da metodologia de história oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz. Segundo Silveira (2007), a literatura específica indica algumas orientações e observações, ao pesquisador, para a produção de entrevistas mobilizando o método da História Oral:

- 1- Ter consciência de que não existe neutralidade do pesquisador desde a escolha pelo tipo de entrevista até qualquer outro instrumento de coleta de dados ou fontes.
- 2- Respeitar os princípios éticos e de objetividade na pesquisa, lembrando que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões. Todas as conclusões são provisórias, pois podem ser aprofundadas e revistas por pesquisas posteriores.
- 3- O pesquisador não deve se apropriar da entrevista somente como uma técnica de coleta de dados, mas como parte integrante da construção do objeto de estudo.
- 4- A entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação. Dar preferência a perguntas mais abertas e a um roteiro flexível.
- 5- Reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista.
- 6- Fazer uso de elementos que evoque a memória do entrevistado como fotografias, recortes de periódicos e menção a fatos específicos podem facilitar o desenvolvimento do trabalho.
- 7- Construir fichas que organizem e orientem as futuras fontes orais. Devem-se privilegiar dados como: nome do entrevistado, número da entrevista que vai representar dentro do universo da pesquisa, idade do entrevistado, endereço, local onde foi gravada a entrevista, nome do entrevistador, idade, profissão, religião, data das entrevistas realizadas com o informante, em que fitas (previamente numeradas) estarão gravadas as entrevistas, em que páginas da transcrição se encontrarão referências a determinados temas e se há alguma restrição ao acesso às informações.
- 8- No início da entrevista, gravar informações como: nome do entrevistado, do(s) entrevistador (ES), data, local e finalidade do trabalho.
- 9- Providenciar um Termo de Consentimento Informado, onde fique bem claro ao entrevistado: a) finalidades da pesquisa; b) nome do informante e número do documento pessoal, como RG; c) se a divulgação da entrevista oferece riscos ou prejuízos à pessoa informante; d) permissão ou não para divulgar o nome do informante (caso não seja permitido, orienta-se que se produza uma declaração para esse fim no verso do termo, sendo assinado por ambas às partes (pesquisador e entrevistado), podendo o informante optar por um pseudônimo; e) cedência dos direitos de participação do entrevistado e seus depoimentos para a pesquisa em questão; f) abdicação dos direitos autorais do entrevistado e de seus descendentes; g) data e assinatura do termo pelo participante e pesquisador – torna-se importante, nesse item, anexar ao termo que será assinado por ambas as partes, a transcrição da entrevista (SILVEIRA, 2007, p.39).

No momento da entrevista, o entrevistado ao se lembrar e buscar suas memórias vivenciadas, pode se emocionar perante o pesquisador que o indaga reformulando suas ideias à medida que acontece a entrevista. De acordo com Le Vem (1997, p. 220, apud ALVES, 2016, p. 4):



As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele para e reflete sobre sua vida e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência e se vê como um ator social e “criador de história”. Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise.

Para a realização das entrevistas, é importante que o pesquisador tenha claro o grupo de pessoas que irá entrevistar. Dessa forma, a entrevista qualitativa não se tem uma quantidade exata de pessoas que se deve entrevistar para se obter a coleta de um material suficiente e rico para ser interpretado.

A atitude do pesquisador frente à entrevista é muito importante para que haja um bom andamento da entrevista, tendo um papel de fazer com que os entrevistados narrem o máximo possível de suas memórias. Por isso é importante traçar um roteiro prévio que oriente no momento da entrevista. Este roteiro pode ser disponibilizado, com antecedência para o depoente, por oferecimento ou solicitação.

Segundo Garnica (2014) a coleta de depoimentos, então, é um dos passos iniciais para uma operação historiográfica, ou seja, um complexo que se inicia com a criação de fontes, estejam às matérias já disponíveis ou não, isto é, escrever histórias é sempre um processo de criação.

Após a realização das entrevistas, se faz necessário o processo de transcrição (alteração do suporte eletrônico da oralidade registrada no momento da entrevista). É uma atividade demorada que exige muito tempo, mas é fundamental para o exercício de análise.

O tratamento das entrevistas compreende, como sugere Meihy (2005 apud SILVA e BARROS, 2010, p. 71), três procedimentos: transcrição, textualização e transcriação - etapas complementares que se referem respectivamente a:

1. Transcrição: processo rigoroso, longo e exaustivo de passagem inicial do oral ao escrito. Para alguns pesquisadores, trata-se de operação de caráter puramente técnico, por vezes relegado a outros. No entanto, na perspectiva apresentada, a transcrição é de grande importância para a construção e análise das histórias de vida, principalmente por sua natureza reiterativa;
2. Textualização: etapa na qual as perguntas do pesquisador (a) são retiradas ou adaptadas às falas dos colaboradores. Há igualmente rearranjos a partir de indicações cronológicas e temáticas. Desse modo, busca-se facilitar a leitura do texto por meio de conformações às regras gramaticais vigentes e da supressão de partículas repetitivas, sem valor analítico, típicas do discurso oral. O objetivo é o de possibilitar uma melhor compreensão da narrativa;
3. Transcriação: refere-se à incorporação de elementos extratextos na composição das narrativas dos colaboradores. Procura-se recriar o contexto da entrevista no documento escrito. Mais do que uma tradução, tenta-se elaborar uma síntese do sentido percebido pelo (a) pesquisador (a) além da narrativa e performance do colaborador (a).

A transcrição, segundo Meihy (1991 apud LIMA, 2015, p. 6), é a primeira fase de um longo processo de escuta e compreensão da entrevista, que é a tarefa da passagem mais fiel possível, de um texto oral para um texto escrito, e de novo exige delicada cautela e respeito ao sujeito da fala. A escuta e a transcrição da fala são necessárias e árduas. Mas isso permite iniciar o trabalho de análise e interpretação do pesquisador, como uma das interpretações possíveis e assim cumpre a função de revelar as condições sociais dos quais o autor da narrativa é produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências e vivências.

A transcrição deve conter a versão original da entrevista, isto é, deve se escrever exatamente o que o entrevistado disse no momento da entrevista, preservando a linguagem e particularidades do dialeto utilizadas pelo entrevistado.

O texto elaborado na transcrição é entregue ao entrevistado para que ele leia e analise se o conteúdo descrito é o mesmo que se foi falado no dia da entrevista. Após esse momento, é feito uma nova escrita do texto elaborado na transcrição, a textualização (uma edição da transcrição mantendo explícitas as interações ocorridas no diálogo entre o entrevistado e o pesquisador), onde nesse momento é reescrito de modo coloquial, isto é, tirando as particularidades de dialetos do entrevistado. O pesquisador pode optar, também, por ceder ao entrevistado já a textualização de sua entrevista. Como aponta a literatura, não há uma receita para essa escolha, ela é livre.

Carmem Aranha (2005 apud GARNICA, 2014, p. 185), fala sobre a tarefa de transcrever e textualizar comparando com a restauração de obras de artes: “o mais leve retocar pode comprometer um quadro, mais leve alteração pode escamotear as cicatrizes do discurso”.

Depois de feita a textualização, é hora de apresentar uma interpretação, do objeto de estudo, a partir do material obtido.

Garnica (2014, p.189) fala sobre o papel do investigador ao analisar as entrevistas.

O papel do investigador nesse tipo de análise é configurar os elementos dados em uma história que os unifica e dá significado a eles com a intenção de mostrar o modo autêntico da vida individual sem manipular ou distorcer a voz de cada narrador em favor de uma versão pré-estabelecida.

A metodologia de História Oral torna o processo de entrevista, a partir de memórias de pessoas, um elemento importante para se retomar os estudos, no presente, sobre fatos ocorridos em décadas passadas.

É importante ressaltar que ao se trabalhar com fontes orais em História Oral, não se abre mãos dos documentos escritos, a concepção assumida pela História Oral engloba o diálogo juntamente com outras fontes, isto é, além das orais.

### **3.1 Procedimentos metodológicos**

Portanto, através das considerações feitas sobre a perspectiva teórico-metodológica da história oral, é relevante mencionar que este trabalho de pesquisa busca se pautar nesses princípios, onde se procura trazer concepções e elementos importantes para a compreensão, a partir de narrativas de professores e alunos.

O grupo de entrevistados foi escolhido a partir de pessoas que vivenciaram, de alguma maneira, a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, tendo um total de seis pessoas. Foram entrevistadas as professoras: Iolanda Fernandes Garcia, Neuza Augusta Oliveira Delgado e Rosa Maria Miotto e as alunas: Lídia Rosa de Paula Guerra, Maria Rosa de Oliveira e Deise Aparecida Fogati Castelani, que estudaram nesse período na Casa Escolar.

Os entrevistados foram escolhidos de tal forma: como a primeira professora, Neiva Ormenezze, que lecionou na Casa Escolar já faleceu, chegamos ao nome dessas outras três professoras que lecionaram na escola através de uma conversa com os atuais funcionários da escola. Com a intenção de encontrar alguma informação relacionada ao contexto histórico da escola, nesta mesma conversa encontramos três ex-alunas da Casa Escolar, sendo duas delas atuais funcionárias da escola. Deste modo, julgamos que para atender o nosso propósito de pesquisa, era importante entrevistá-las, pois elas vivenciaram bem de perto todas as mudanças da escola, e podem ter muitas informações para comunicar nas entrevistas.

Como é uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio da metodologia de História Oral não existe um número máximo ou mínimo de entrevistados. O pesquisador realiza algumas entrevistas e se julgar necessário pode realizar outras ou repetir entrevistas com as pessoas já entrevistadas com a finalidade de mobilizar outras memórias dessas pessoas sobre o objeto de estudo. Neste sentido, a teoria nos faz defender que uma, ou cinco, ou dez, entrevistas podem atender o objetivo da pesquisa. O que define este número é o próprio pesquisador e as próprias entrevistas. Isso também se dá, pois acreditamos que numa pesquisa qualitativa não é nosso interesse esgotar o objeto de pesquisa. O que pretendemos neste trabalho é escrever uma narrativa da Casa Escolar, num período pré-definido, e a partir das

memórias de alguns indivíduos. Outras memórias, outros indivíduos, outros períodos, outros pesquisadores podem escrever novas e outras narrativas.

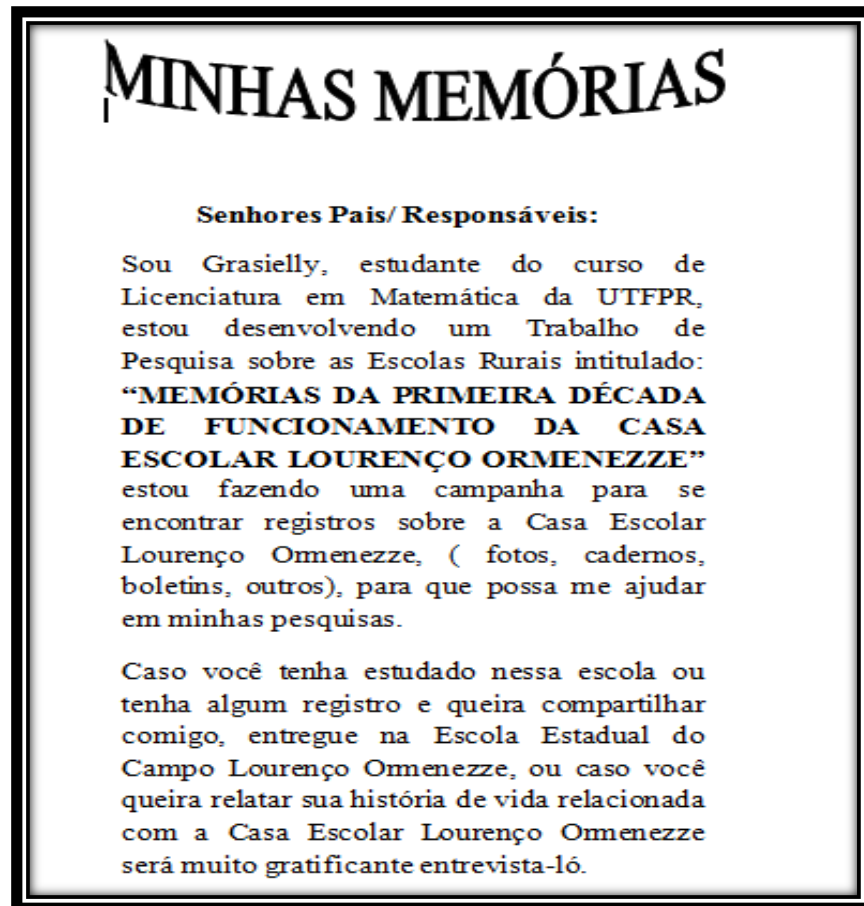
Na fase inicial de elaboração desta pesquisa, fizemos contato com a escola, com a atual diretora e demais funcionários. Fizemos, também, contato com a Secretaria de Educação a qual está vinculada esta escola. Nosso contato teve o objetivo de apresentar nossa proposta de pesquisa e verificar a existência de documentação referente ao movimento de implantação da casa escolar e sua primeira década de funcionamento. Pouquíssimos registros foram encontrados, reduzindo-se a poucas fotos e algumas páginas que revelam um histórico da escola. Mais nada foi encontrado. Acreditamos que esses registros possam existir, mas talvez estejam arquivados em locais em que ainda não tivemos acesso e as pessoas com as quais conversamos também não tenham informações sobre isso. Mas acreditamos, também, que esses registros talvez não existam.

### **3.1.1 Campanha “Minhas memórias”**

Com o intuito de resgatar registros dos tempos atrás que compõem a história da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, já que não foi encontrado nenhum material informativo ou documentos da época de funcionamento, surgiu a ideia de fazer uma campanha no Bairro Ormenezze, na cidade de Bandeirantes – PR. Essa campanha foi intitulada como “Minhas Memórias”, e os registros desejados ao propor essa campanha se enquadram em fotos, cadernos, livros, enfim, qualquer registro que pudesse nos trazer alguma informação sobre a Casa Escolar, proporcionando o enriquecimento do desenvolvimento do Trabalho de Pesquisa.

A campanha iniciou-se na escola e, para isso foram entregues panfletos aos alunos que estudam nesta escola do bairro, para que levassem aos seus pais e avós, e também foram deixados alguns panfletos na venda (um pequeno ponto de comércio) do Bairro. Conforme a figura 11:

**Figura 11:** Panfleto da Campanha.



Rapidamente a campanha movimentou os moradores do bairro e até dos bairros vizinhos, as pessoas começaram a contar umas para outras sobre a campanha, o que fez com que ganhasse uma grande repercussão na população do bairro.

Após algumas semanas de campanha, as pessoas do bairro me procuraram para levar seus registros que eles tinham guardados da época que estudaram na escola.

A campanha proporcionou algumas fotos sobre a Casa Escolar, mas o mais inusitado foi que algumas pessoas me procuraram para relatar suas vivências, suas histórias e memórias de como era estudar na Casa Escolar, naquela época.

Essas pessoas me contaram suas memórias, onde foi muito gratificante ouvir tais memórias, podendo conhecer melhor a história de uma escola que foi de suma importância naquele bairro.

Observando os registros que a campanha proporcionou, percebemos que são todos em forma de fotografia, onde a maioria registra as formaturas, a professora Neiva, e os alunos da

época, esses registros não são muitos, pelo fato de que naquela época quase não se tirava fotografia.

Na foto dos alunos ao lado da Casa Escolar, podemos observar a paisagem totalmente bucólica, com características marcantes tais como a arquitetura simples da Casa Escolar.

**Figura 12:** Turma dos alunos da 1º ano até o 4º ano, de 1969.



Fonte: Cedido para esta pesquisa por Acir Guerra, aluno da escola em 1969.

**Figura 13:** Formatura dos alunos da 4º ano de 1971.



Fonte: Cedido para esta pesquisa por Rosa Maria, aluna da escola em 1969.

No retrato, o cenário que refletia os arredores da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, a famosa venda do bairro que tinha como dono o Sr. Ricierre Ormenezze que foi um dos fundadores da Casa Escolar, que lutou para conquistar uma escola para aquela região rural, uma educação para os filhos dos sitiantes que ali moravam.

**Figura 14:** Venda do Bairro Ormenezze, onde o proprietário era o Sr. Ricierre Ormenezze.



Fonte: Cedido para esta pesquisa por Acir Guerra, aluno da escola em 1969.

E por fim, não podia faltar o retrato da família Ormenezze, onde estão o Sr. Ricierre Ormenezze juntamente com sua esposa, filhos e parentes. Uma família que é até hoje muito respeitada e querida no Bairro Ormenezze.



**Figura 15:** Família Ricierre Ormenezze.



Fonte: Cedido para esta pesquisa por Acir Guerra, aluno da escola em 1969.

A campanha “Minhas Memórias”, proporcionou um novo conhecimento sobre a Casa Escolar, e, além disso, fez com que o bairro revivesse e relembresse as histórias da Casa Escolar, e o quanto naquela época era difícil estudar na zona rural, mas tudo era feito com muito carinho pelas professoras na procura de dar uma educação para aquelas crianças.

### **3.1.2 O caminho das entrevistas...**

Diante de todo o referencial teórico metodológico da metodologia de pesquisa que rege esse trabalho de pesquisa, isto é, a História Oral, demos início à realização das entrevistas com o grupo de depoentes escolhido. Para isso, foram feitas investigações, para saber quem havia vivenciado e participado da primeira década de funcionamento da Casa Escolar, para que se pudesse compor um grupo de depoentes para a realização das entrevistas. Através de simples conversas com algumas pessoas que ainda moram no bairro Ormenezze, alguns depoentes indicarem outro, que, por sua vez, indicou outro e assim sucessivamente. É o chamado critério de rede. Assim foram nossas depoentes as ex-professoras Neuza Augusta Oliveira Delgado (nascida em 1938), Iolanda Fernandes Garcia (nascida em 1949), Rosa Maria Miotto (nascida em 1953) e as ex-alunas Deise Aparecida Fogati Castelani (nascida em 1961), Lídia Rosa de Paula Guerra (nascida em 1962) e Rosa Maria de Oliveira (nascida em 1960).



Observou-se, durante essa primeira conversa com os depoentes, a disposição ao narrar-se, mesmo iniciando com uma dúvida que compusesse todos os depoentes, essa dúvida foi com o que realmente eles poderiam contribuir a partir de suas memórias. Essa dúvida ainda compôs o cenário das entrevistas, ao final delas, os depoentes perguntavam se tinham falado certo (como se tivesse uma fala certa sobre a Casa Escolar), talvez pelo fato de considerarem não recordar dos acontecimentos da primeira década de funcionamento da Casa Escolar com o tempo (1961-1971).

Alguns depoentes se mostraram realizados com as lembranças principalmente as professoras ao se lembrarem de como eram tratadas pelos alunos e pais naquela época, e também como se divertiam ao relembrar de alguns episódios.

As primeiras entrevistas foram realizadas no dia 17 de julho, com a Maria Rosa<sup>2</sup> na parte da manhã e a Lídia<sup>3</sup> na parte da tarde, ambas moradoras do Bairro Ormenezze.

Ao chegar à casa da Maria Rosa como combinado, o marido dela me recebeu, entrei na casa e fui até a cozinha, quando levei um susto, me deparei com a mesa cheia de cadernos, folhas e mais folhas, e uma caixa de fotos (fiquei feliz), e estava lá a Maria Rosa sentada à mesa me esperando. Primeiro ela optou por conversar um pouco (e eu que adoro conversar) conversamos um bom tempo, descobri até no meio da conversa que o marido dela havia estudado junto com ela na Casa Escolar. A entrevista foi boa, e divertida, ela contava as coisas e o marido dela dava risada dos fatos acontecidos.

Saindo dali, Lídia me aguardava em sua residência, começamos a entrevista e logo de principio foi percebido que Lídia estava um pouco nervosa, esse nervosismo acabou fazendo com que Lídia não narrasse totalmente o que sabia e que viveu na Casa Escolar, mas ao fim da entrevista foi possível perceber o quanto ela gosta daquela escola, porque até hoje ela trabalha na escola como merendeira.

No final dessas duas entrevistas, novas indicações de pessoas que haviam estudado e de uma professora que deu aula na escola, professora Iolanda.

Com todas essas novas informações a próxima entrevista com a professora Rosa Maria Miotto estava chegando. Após a entrevista ser gravada, tivemos uma surpresa: a professora começou a lecionar na Casa Escolar em 1972, logo não se encaixava em nossa análise da Casa Escolar, já que pretendíamos entrevistar pessoas que vivenciaram a primeira década de funcionamento da escola. Todavia, para não perdermos a contribuição dada por essa

---

<sup>2</sup>Maria Rosa de Oliveira

<sup>3</sup>Lídia Rosa de Paula Guerra

professora, optamos por deixar a textualização dessa entrevista também em apêndices (Apêndice 1) deste relatório, como uma forma de agradecimento a professora.

Novos encontros e novas entrevistas ainda estavam por vim, conforme havia marcado com a professora Cleuza<sup>4</sup> para realizar a entrevista no dia 20 de julho, ao chegar a sua casa. Ela mesma veio me atender, me disse ainda no portão de sua casa que não iria mais gravar a entrevista por motivo de “não lembrar muita coisas”, (sinceramente me bateu um desespero), tentei convencer ela em realizar a entrevista, mas foi em vão ela estava decidida. Então ela me falou que a professora Neuza havia dado aula lá na escola, antes dela começar a lecionar. Mas Cleuza não sabia nenhuma informação sobre essa Neuza.

Voltei para casa e comecei a pensar, como encontraria a professora Neuza<sup>5</sup> (agora mais que tudo precisava encontrar a Neuza, pois sem a entrevista com a Cleuza, era preciso de uma professora), então resolvi ir ao bairro Ormenezze fazer uma pesquisa sobre quem havia sido aluno da Neuza ou soubesse como encontrá-la.

Ao chegar ao Bairro fui até à venda do bairro, sabia que ali encontraria muitas pessoas, e quem sabe alguém que saberia alguma informação sobre a Neuza. Após uma conversa com o pessoal, nada consegui saber!

Após essa investigação sem resultados, resolvi passar na casa dos meus pais, que moram ali perto de onde eu estava. Quando cheguei lá, havia um vizinho conversando com meus pais, que já fui perguntando logo se ele sabia de alguma informação. E ele sabia!

Contou-me muito, até que ele foi aluno da Neuza, me passou o endereço dela, ela morava na cidade. Não pensei duas vezes, fui direto à casa da professora Neuza, quem me atendeu foi à filha dela, ela foi chamar a dona Neuza, conversamos muito, ela me contou muita coisa, só que não estava gravando a entrevista ainda, então marcamos para outro dia a entrevista.

Após essa conversa com a Neuza percebi que ela sabia muito sobre a Casa Escolar e que ela tinha sido uma pioneira da Escola. Estava querendo gravar logo a entrevista com ela, pois sabia que iria me proporcionar muitas histórias.

Na entrevista com a aluna Deise, ela contou um pouco sobre a Casa Escolar, já que ela estudou pouco tempo na escola, mas ainda nos deu um nome da professora Virginia, alegando ter sido a primeira professora dela na casa Escolar.

Chegou o dia de voltar à casa da professora Neuza, para enfim, gravar a entrevista. Novamente a filha dela me recebeu, sentamos no sofá da sala, e a Neuza chegou com aquele

---

<sup>4</sup> Cleuza de Almeida

<sup>5</sup> Neuza Augusta Oliveira Delgado

jeitinho dela todo agradável de ver. Durante a entrevista, entretanto, descobrimos que ela foi a segunda professora da Casa Escolar, a entrevista foi ótima, muitas risadas, dramas, histórias.

Em meio a esse tempo de entrevistas, procurávamos obter contato com a professora Iolanda, até que um dia conseguimos. Então, entrando em contato com ela, ela aceitou gravar a entrevista.

Conforme combinado, no dia 02 de outubro estava esperando a professora Iolanda para entrevista, assim que ela chegou começamos a entrevista, ela contou tudo o que sabia, e sempre enfatizando a saudade que sentia da Casa Escolar.

As pessoas com as quais conversamos se mostraram inteiramente preocupadas com os esquecimentos, sempre se desculpando por não lembrarem certos detalhes.

Estávamos interessados nas estruturas, nas vivências e não em conseguir narrativas perfeitas que nos mostrassem mais sobre a Casa Escolar. Tratava-se de obter narrativas iniciais, para, então, nós mesmos conseguirmos construir nossas compreensões a partir da narrativa dos depoentes.

Em meio a muitas conversas e muitos “causos”, descobrimos novas informações sobre a Casa Escolar, considerando um período de 1961 até 1971, depois de um período de aproximadamente de 46 anos de extinção das Casas Escolares, a Casa Escolar Lourenço Ormenezze ainda é descrita por essas pessoas como uma grandiosa instituição, na qual se segue disciplina e educação.

De nossa lista de nomes provenientes de estudo que foi feito por meio das investigações e das indicações das entrevistas anteriores foram realizadas todas as entrevistas possíveis.

Em meio ao processo de transcrição e textualização das entrevistas, senti a necessidade de voltar a conversar com a dona Neuza, ela sabia muita coisa sobre a Casa Escolar, suas lutas e vivências na escola foram percebidas durante a entrevista, já que ela foi a segunda professora da escola.

Resolvemos, então, entrar em contato com a dona Neuza novamente, combinamos de fazer outra entrevista. Conforme marcamos, cheguei no dia 11 de outubro em sua casa, quem me atendeu foi sua filha e me disse que Neuza não poderia gravar a entrevista conforme havíamos combinado, pois ela tinha ido ao hospital e estava com um problema em sua perna. Mas me disse que eu poderia voltar no outro dia na parte da tarde para realizar a entrevista.

No outro dia, à tarde, cheguei à casa de Neuza, ela mesma me atendeu e disse que estava me esperando. Assim, a entrevista foi conduzida de forma a complementar a primeira entrevista. Essa segunda entrevista foi bastante interessante, também em meio a diversas

formas de sentimentos, isto é, risadas e até lágrimas, Neuza me contou muito mais, suas memórias pareciam saltar de forma inexplicável, era explícito em sua face como ela amava a Casa Escolar.

Ao final da entrevista, um café com bolo, e muitas risadas, e as histórias que ela contava sobre aquela época. No momento em que eu disse que iria embora, ela falou: “está cedo, tenho tantas histórias para te contar!” Neuza me fez prometer que sempre voltaria em sua casa para tomar, segundo ela, um cafezinho com prosa.

### 3.1.3 Os roteiros das entrevistas

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS PROFESSORAS**

Identificação Pessoal:

Nome:

Nacionalidade

Sexo:

Idade:

- 1- Como foi sua formação para atuar como professora?
- 2- Quanto tempo você trabalhou nessa escola?
- 3- Você sabe falar como se deu a implantação da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, naquele endereço?
- 4- Como se caracterizava a Casa Escolar Lourenço Ormenezze, em seus aspectos físicos?
- 5- Como era a sala de aula?
- 6- Quais conteúdos você ensinava naquela época?
- 7- Que tipo de material didático tinha disponível para que você montasse suas aulas?
- 8- Fale sobre como era esse tipo de ensino multisseriado, todos os alunos numa única sala de aula.

## **ROTEIRO DA ENTREVISTA DOS ALUNOS**

Identificação Pessoal:

Nome:

Nacionalidade

Sexo:

Idade:

- 1- Quanto tempo você estudou na Casa escolar?
- 2- Como se caracterizava a estrutura física da Casa Escolar?
- 3- Como a professora ensinava? Como era a relação dos alunos com os professores?
- 4- Como era o ensino nessa escola? E as aulas de matemática?
- 5- Como era a relação entre os alunos?
- 6- Havia alguma rotina seguida no dia a dia?
- 7- O que você achava de estudar todos os alunos numa única sala de aula?

**ROTEIRO DA SEGUNDA ENTREVISTA COM A PROFESSORA NEUZA**

Quem sou eu?

- 1- Conte-me mais sobre a sua formação de professora.
- 2- Como você começou a dar aulas?
- 3- Como era processo de contratação dos Professores?
- 4- Dificuldades em lecionar em uma escola multisseriada?
- 5- Orientações pedagógicas que recebia de quem recebia periodicidade que recebia?
- 6- Como era a formação continuada para os professores, se falava nisso naquela época, era uma preocupação?
- 7- Quais eram as funções do inspetor de ensino?
- 8- Como era o material didático. Como era escolhido o livro ou cartilha?
- 9- Como era ser professora naquela época?
- 10- A evasão dos alunos existia?
- 11- Cartilha utilizada na época? Como era composta?
- 12- Como você começava as aulas?
- 13- Como era a organização das aulas?
- 14- Um fato marcante na primeira década de funcionamento da escola.
- 15- Uma saudade do início...
- 16- Tinha influência das questões sociais e culturais da comunidade na escola

## CAPÍTULO 4

### TEXTUALIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS

#### TEXTUALIZAÇÃO ENTREVISTA 1- MARIA ROSA



Foto tirada no dia da realização da entrevista

Nome completo da colaboradora: Maria Rosa de Oliveira

Idade: 57 anos

Data da entrevista: 17 julho de 2017

Eu estudei por 4 anos na Casa Escolar, do 1º ano até o 4º ano, entrei em 1969, saí em 1972. Entrei na escola com 9 anos.

A Casa Escolar era uma casa de madeira que ocupava cerca de 780 metros de área, na qual se dividia uma única sala de aula e junto à casa da primeira professora que era a Senhora Neiva Ormenezze Tranguete. A merenda dos alunos era feita pelos próprios alunos e por uma

funcionária, o fogão era de lenha feito no porão<sup>6</sup> da escola, os alunos buscavam água no poço e a lenha para o fogão, para fazer o lanche.

Nas aulas usávamos a cartilha, cartilha do BABÁ<sup>7</sup>, hoje não usa mais cartilha. A sala de aula era dividida em quatro fileiras, as carteiras eram duplas, sentávamos de dois alunos juntos, quatro fileiras de carteira dupla, os alunos eram divididos em 3ª série, 4ª série, dividia por fileira, cada fileira era uma série. A dona Neiva ficava na escola, tinha também aula nos outros turnos. As outras professoras vinham da cidade, a dona Iolanda<sup>8</sup> e a dona Maria José<sup>9</sup>, elas vinham de transporte Rural, os alunos iam a pé, todos os alunos eram da zona rural, e alguns levavam o caldeirão de comida.

A professora ensinava muito bem, mas havia dificuldade para ensinar porque os alunos estudavam todos juntos numa única sala de aula. A relação dos alunos com o professor era de muito respeito, havia também aqueles alunos que gostavam da bagunça, mas a maioria eram crianças vergonhosas, tímidas, que tinham medo da diretora, medo da professora.

O ensino era bom, mesmo com toda dificuldade que a professora tinha para ensinar quatro séries juntas, eu acho que nós aprendíamos mais, porque havia respeito com o professor.

A diretora da escola não vinha todo dia para a escola, e quando ela vinha nós fazíamos a limpeza da escola e também tínhamos que estar com as unhas e roupas bem limpas porque ela fazia vistoria.

As aulas de matemática era a professora Maria José Dominiciano que dava, ela era muito exigente! Por exemplo, se ela pedia matemática e tabuada, e o aluno não sabia, ela deixava de castigo, até que o aluno aprendesse! O castigo era ajoelhar no milho na frente da sala e ficar com os braços abertos!

Na escola não tinha passeio, tinha rotina que era seguida todos os dias, era cantar o hino nacional todo dia do lado de fora da escola, não tinha aula de educação física, as aulas resumiam apenas numa sala de aula.

Antigamente não existiam os aparelhos eletrônicos, era tudo na conversa o convívio era mais forte, era uma brincadeira saudável.

O estudo eu achava bom, porque não conhecia outro tipo de estudo, outro tipo de escola, os alunos sendo divididos por série e por sala com cada professor ensinando sua

---

<sup>6</sup> Porão: parte de uma casa entre o primeiro piso e o solo, onde geralmente se guardavam coisas velhas.

<sup>7</sup> Cartilha do BABÁ: era uma cartilha utilizada na época para a alfabetização, com o nome de cartilha Caminho Suave.

<sup>8</sup> Dona Iolanda: professora que lecionava na Casa Escolar Lourenço Ormenezze, na época de 1971.

<sup>9</sup> Maria José: professora que lecionava na Casa Escolar Lourenço Ormenezze.



disciplina os alunos aprendem mais, apesar de que muitos alunos hoje não dão nenhum valor no estudo e não respeitam o professor como antigamente.

## TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA 2 – LÍDIA ROSA



Foto tirada no dia da realização da entrevista

Nome completo da colaboradora: Lídia Rosa de Paula Guerra

Idade: 55 anos

Data da entrevista: 17 julho de 2017

Estudei na Casa Escolar da 1ª série até a 4ª série, foram 4 anos de estudo, comecei meus estudos com 7 anos no ano de 1969.

A escola era uma casa de madeira e era, também, a moradia da professora, havia uma única sala de aula, tinha um porão<sup>10</sup> e nesse porão havia um fogão a lenha onde a professora fazia a merenda e a gente ajudava.

As carteiras eram diferentes, sentava de dois alunos em cada carteira, era assim, cada fileira uma série e o quadro era dividido, mas era uma única professora, tive aula com a Dona Neuza<sup>11</sup>, com a Dona Neiva e com a Dona Iolanda.

---

<sup>10</sup> Porão: parte de uma casa entre o primeiro piso e o solo, onde geralmente se guardavam coisas velhas.

A professora ensinava bem, usávamos a cartilha para estudar, a professora passava no quadro e a gente copiava no caderno. As aulas de matemática da professora Iolanda Garcia, ela dava conta para a gente, ela pedia para a gente fazer a tabuada e estudar em casa, no outro dia ela tomava a tabuada de nós. Às vezes os alunos brigavam, mas era briguinha de criança.

Todos os dias antes de terminar a aula, saiam duas alunas para ajudar na limpeza da cozinha da escola, ajudar a lavar louça! Cantávamos o Hino Nacional todo dia do lado de fora da escola. E ainda cuidávamos da horta junto com a professora, era maravilhoso. Era tudo muito cheio de respeito, sinto muita falta daquele tempo.

Era muito aluno, o que eu achava meio complicado, as disciplinas eram todas juntas, não dava para aprender muito, porque ela tinha uma única professora e ela tinha que dar atenção a todos. Não era igual é hoje, separado!

---

<sup>11</sup> Neuza foi a segunda professora da Casa Escolar, começou a lecionar no ano de 1962.

### TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA 3 – DEISE APARECIDA



Foto tirada no dia da realização da entrevista

Nome completo da colaboradora: Deise Aparecida Fogati Castelani

Idade: 54 anos

Data da entrevista: 22 julho de 2017

Estudei um ano na Casa Escolar, a 1ª série no ano de 1969, eu tinha 6 anos.

A escola era uma casa modesta, assim, de madeira, bem simples, tinha janelas de vidro, não tinha varanda, tinha uma única sala de aula, era simples. Na sala de aula tinha um quadro, no qual a professora repartia para todas as séries e uma mesinha lá na frente que a professora dava aula, era o que nós tínhamos!

Como eram todas as séries numa sala de aula só, a professora colocava uma carreira de carteiras para a 1ª série, outra para a 2ª série, 3ª série e a 4ª série, era simples assim! As carteiras eram de duas pessoas, a gente sentava juntos.

Nas aulas a professora passava tudo no quadro, de cada série, a gente tinha que copiar no caderno e responder, ela dava lição de casa da cartilha, e a gente tinha que estudar em casa para o outro dia de aula, no outro dia ela tomava toda a lição, se não soubesse ficava de

castigo! O castigo era ir lá à frente ao quadro, às vezes tinha que ficar de joelho no milho ou em pé perto da professora. Então, tinha que estudar para poder passar!

As aulas de matemática eram assim, a professora ensinava a tabuada e a gente tinha que estudar em casa, no outro dia, na aula, ela tomava a tabuada de cada aluno, passava conta no quadro e a gente tinha que ir ao quadro resolver! Se não soubesse ficava de castigo! Então para não ficar de castigo estudávamos a tabuada e, como se diz, “ia na ponta da língua”!

Naquela época tinha muito respeito, a gente tinha respeito pela professora, tínhamos medo também, porque, a professora: “Nossa!”. Se fizesse alguma bagunça ela tinha toda a autoridade igual o nosso pai, ela ficava brava, colocava a gente de castigo, tinha muito medo! Se ela falasse para nosso pai, quando chegava em casa a gente apanhava, então tínhamos muito medo da professora e a respeitávamos muito!

Quando chegávamos à escola, nós formávamos uma fila para entrar na sala de aula, depois rezávamos o pai-nosso de pé, e ainda, se chegasse uma visita nós todos tínhamos que levantar para receber a pessoa que tinha vindo visitar nossa escola, era assim!

Minha primeira professora foi a Dona Virginia, ela morava distante da escola, em outro bairro, e ela ia a pé dar aulas, e eu também, saíamos de casa, eu e meu irmão, a pé para estudar. Naquela época tinham muitos alunos, muitas crianças!

Ah! Eu achava bom o estudo, porque não tinha outra opção, era tudo junto, o que separava a série de cada aluno era uma fileira de carteiras, então para mim era bom! Era o que tinha na época, não tinha escolha!

## TEXTUALIZAÇÃO ENTREVISTA 4 – PROFESSORA NEUZA

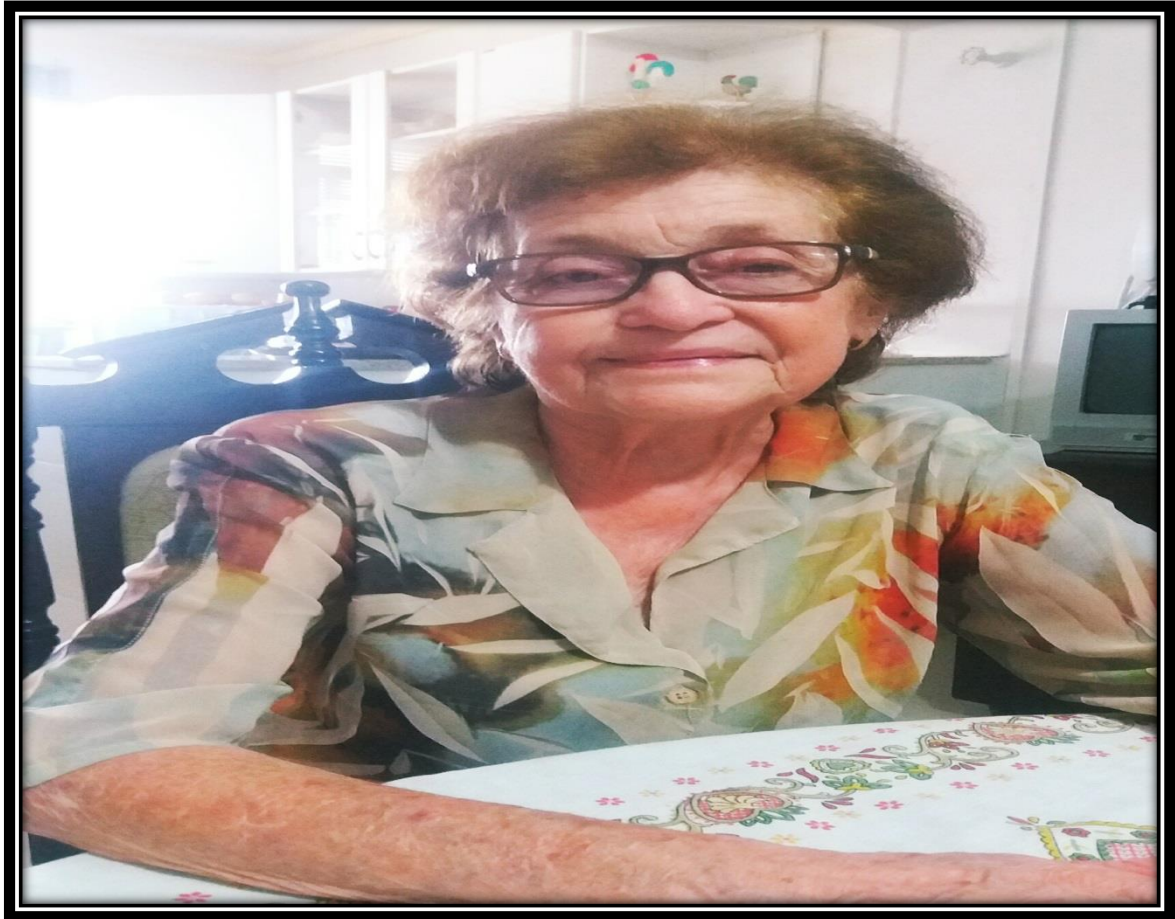


Foto tirada no dia da realização da segunda entrevista (12-10- 2017)

Nome completo da colaboradora: Neuza Augusta de Oliveira Delgado

Idade: 78 anos

Data da entrevista: 26 de julho de 2017

Quando iniciei minha carreira ali na Casa Escolar no bairro Ormenezze, minha formação era o magistério, esse estudo foi feito no Colégio Imaculada Conceição de Jacarezinho- PR<sup>12</sup>, depois, mais tarde eu fiz outros cursos, mas de início foi o magistério.

Minha carreira docente no bairro Ormenezze foi de 9 anos. Entrei lá dia 15 de abril de 1962! Quando eu iniciei lá, entrei no lugar da Neiva<sup>13</sup>, lecionando de manhã, depois, mais tarde que passei para o período da tarde e noite.

---

<sup>12</sup> Jacarezinho município do estado do Paraná, dista 392 km de Curitiba (capital do estado do Paraná) e 54 km do município de Bandeirantes.

<sup>13</sup> Neiva Ormenezze primeira professora da Casa Escolar Lourenço Ormenezze e filha do Ricierre Ormenezze

A implantação da Casa Escolar ali, pelo que sei, é porque ali havia muitos sitiante com seus filhos e as escolas que tinham naquela época eram longe e não tinha nenhuma perto daquela região, tinham apenas duas escolas<sup>14</sup> no município, a mais perto que tinha era uma no bairro do Laranjinha<sup>15</sup>, que ficava muito distante, e a outra era no bairro do Cabiuninha<sup>16</sup>.

Então, para os pais colocarem seus filhos, com sete anos de idade, nessas escolas era longe, pois as crianças tinham que andar distante, então foi onde esses sitiante conversaram com o Sr. Ricierre Ormenezze<sup>17</sup>, era o proprietário do sítio onde a escola foi construída, esse Sr. Ricierre Ormenezze tinha muita intimidade com os políticos, na época o prefeito José Mario Junqueira<sup>18</sup>, conversando com o Sr. Ricierre Ormenezze, implantaram a Casa Escolar. Que na verdade foi construída uma casa aonde foi morar a Neiva que era filha do Sr. Ricierre Ormenezze, e nessa mesma planta deixaram um salão onde era a sala de aula.

O nome da escola era Casa Escolar Lourenço Ormenezze, esse nome foi a pedido do Sr. Ricierre Ormenezze, proprietário do terreno que foi doado para a construção da escola, ele pediu que pusessem o nome do pai dele, que se chamava Lourenço Ormenezze, e assim foi feito! Em homenagem ao pai dele!

O prédio da Casa Escolar era um prédio bom, era de madeira, mas era tudo forrado e pintado com vitrô, naquela época uma casa, uma escola que tivesse vitrô e que fosse forrada, era muito moderna. A escola não tinha varanda, ela era um salão que deveria ter uma dimensão de 5X7 metros, mais ou menos. Tinha uma porta onde saía para uma varandinha, mas bem pequena, era uma coisa bem quadradinha. Aonde tinha uma escadaria não muito alta, era isso. E uma única sala de aula. Não tinha calçada em volta da escola, era tudo de terra.

O banheiro da escola, eram aqueles antigos, levava o nome de privada, era feito de madeira, uma casinha coberta de telhas, bem arrumadinha, onde tinha o caixotinho para as crianças sentarem.

A sala de aula era uma sala bem completa. Porque tinha o armário para guardar o material dos alunos, uma escrivaninha para o professor, dois quadros negros, um candelabro e dois filtros de barro dos antigos. Era uma sala completa, as carteiras eram duplas, sentava de dois alunos por carteiras.

As disciplinas que eu ensinava na época eram português, matemática e conhecimentos gerais, que era história, geografia e ciências. No começo existiam 3 turmas, o quarto ano

---

<sup>14</sup> Escola Vitório Ducini localizada no Bairro Cabiuninha.

<sup>15</sup> Bairro Laranjinha localizado no município de Bandeirantes, dista 18 km da cidade de Bandeirantes.

<sup>16</sup> Bairro Cabiuninha localizado no município de Bandeirantes dista 20 km da cidade de Bandeirantes.

<sup>17</sup> Sr. Ricierre Ormenezze agricultor e dono da venda do bairro Ormenezze do município de Bandeirantes.

<sup>18</sup> José Mario Junqueira foi prefeito do município de Bandeirantes no período de 05/12/1959 - 04/12/1963.

ainda não existia! Eram as turmas de 1ª, 2ª e 3ª série, quando eu iniciei a Neiva, que era a primeira professora, estava de licença, iniciei e dei continuidade com as três turmas.

Como era uma única sala de aula, eu dividia a sala assim, por fileiras de carteiras, por exemplo, uma fileira de carteira colocava a 1ª série, na outra a 2ª série e na outra a 3ª série, como tinham dois quadros negros, a gente dividia os quadros para passar os exercícios. Usávamos muito o quadro. Conversamos muito com os alunos, eu mesma, era de falar bastante. Sempre perguntava para eles se eles tinham entendido.

Nós tínhamos livros, esses livros vinham do governo do estado. E depois a prefeitura repassava para nós, e tinham também as apostilas, essas apostilas eram formadas pela diretora, ela que fazia as apostilas. E depois tinham os cadernos, as cartilhas. A gente procurava a fundo os exercícios para levar aos alunos. Eu mesma tinha vários. Onde eu estudei o magistério lá usávamos muitos exercícios, eu usava tudo com meus alunos. Às vezes buscavam com outras professoras mais antigas que moravam ali nas redondezas, eu conversava muito com elas e arrecadava bastantes atividades.

Era muito difícil. Era muito difícil porque era sala mista, e crianças não são todas iguais. Mas a gente dava um jeitinho e acabava dando certo, tinha bastante crianças. Na época quando eu comecei a Neiva já estava dando aula, porque ela começou um ano antes de mim, mas quando comecei estava com 48 alunos numa única sala de aula.

Mais tarde, em 1964 ou 1965, a pedido dos próprios pais, veio implantar a 4ª série, e, com isso, foi dividido os alunos. A Neiva, que era a primeira professora, ela escolheu a turma de 1ª série e 3ª série para ensinar de manhã, porque ela gostava muito de trabalhar com a 1ª série, ela adorava! Então eu fiquei com a 2ª série e a 4ª série, à tarde, foi quando melhorou porque eram apenas duas turmas.

Depois, eu comecei dar aulas à noite, trabalhei com a alfabetização de adultos. O que era difícil. Não tinha energia elétrica para eu trabalhar a noite, eu tinha lampião a gás, era o que tinha na época. Uns lampiões, uns bujões pequenos que eu mesma que comprei. Aí colocava um no canto e o outro em outro canto, e ficava bem clarinho, naquele tempo tudo que íamos fazer, tínhamos que parar e pensar, como vai ser melhor, e o que vou fazer para dar certo. Éramos nós mesmos que tínhamos que pensar e fazer.

Em português eu ensinava o alfabeto completo para as crianças, depois, a partir disso, ia juntando e formando sílaba e assim por diante. Em matemática, começava com números básicos, eu usava muito os grãos, sementes para ensinar, como milho, grãos de feijão, eram grãos de qualquer outra plantaçoão, até sementes de flores. No caso de diminuir, por exemplo,



era nove, eu colocava nove grãos depois ia tirar quatro desses nove, aí as crianças manuseavam.

As atividades das crianças, eu adorava demais. Fazia teatrinhos de fantoches com as crianças, aprendi tudo no colégio das irmãs, as irmãs trabalhavam muito isso com a gente, então muitas coisas que eu aprendi no colégio, eu aplicava nas aulas, as crianças adoravam.

Era obrigatório, todos os dias tínhamos que cantar o hino nacional, no dia da bandeira cantava o hino da bandeira, isso era obrigatório. Depois, as crianças começaram a usar uniformes, era um guarda-pó, as crianças iam bem limpinhas, nós todos os dias olhávamos a unha e a cabeça, para ver se tinha piolho. Algumas crianças, que não tinham condições, e as mães trabalhavam na roça, nós ajudávamos a cuidar, no sábado depois da aula e até no domingo.

Rezar, rezar também, mas isso já era dentro da sala de aula, lá fora elas ficavam em fila e cantavam o hino, depois, entrávamos na sala e rezávamos, para dar início nas aulas.

Tinha aula até no sábado, só o domingo era dia de descanso. No sábado, também, eu e as crianças fazíamos a limpeza da sala de aula para a segunda-feira, as crianças colaboravam, iam buscar água no poço, lavavam e esfregavam, depois, secavam e já vinham passando a cera era gostoso! Muito bom! Naquela época guardava todos os feriados, como 21 de abril.

A segunda série era continuidade da primeira, então nós falávamos, presta bem atenção. Então todos os alunos ficavam bem quietinhos, prestando a atenção. Tinha um lado bom. O que eu ensinava para o primeiro o segundo já recordava, e quando eu deixava o primeiro fazendo os trabalhos deles, e ia para o segundo, o terceiro já ficava de olho, era bom.

No final do ano tinha exame oral, não era só o escrito, era exame oral. Em geografia, ciências e história do Brasil, era tudo exame oral, não era escrita. Agora, em matemática e português era exame escrito, então a criança tinha que estudar mesmo. Ela precisava estudar, porque não tinha nada de marque o x, tinha que falar.

As provas nós fazíamos na secretaria de educação, tínhamos que ir até a cidade com as outras professoras e elaborávamos as provas lá. Às vezes as provas já vinham prontas. Mas quando não vinha, tínhamos que planejar.

Graças a Deus, não tinha reprovação. Nossa aprovação era ótima. Porque na época as crianças, era outro nível, elas prestavam muita atenção, elas tinham medo dos pais, porque quando saíam de casa os pais, acho que rezavam a ladainha para elas. Eles eram muito obedientes, e os deveres não têm do que reclamar. Os deveres que a gente passava para casa, eles traziam todos os dias, mesmo com as dificuldades de casa, de não ter energia elétrica,

mesmo com as dificuldades eles não deixam de levar as tarefas. Eu não tenho do que reclamar.

Não tinha uma diretora na escola, na época era uma única diretora para todas as escolas rurais, então não tinha condições da diretora ir todos os dias na escola, mas ela visitava muito as escolas, como ela tinha que visitar todas as escolas do município ela ia de 15 em 15 dias na nossa escola.

Quando a diretora ia fazer as visitas na escola, ela fazia uma vistoria, ela olhava tudo. Os cadernos de um por um dos alunos, olhava se estava encapado, ela não aceitava cadernos que estavam com as beiradinhas dobradas, as famosas orelhinhas, ela não aceitava. Nem cadernos sujos, e muito menos desencapados. Agora quem encapava os cadernos era eu mesma. A inspetoria nos dava muito material, eles mandavam lápis, borracha, caneta, cadernos, o que fosse necessário. A maioria das crianças era carente, os pais não tinham condições, então nós dávamos os materiais para as crianças.

Se tivesse algum dever que eu passei e que não tivesse feito a correção, ela me chamava a atenção, mas não na frente dos alunos. Às vezes me chamava lá fora, na hora dela ir embora, ela falava se você passou a tarefa e pediu para os alunos fazerem, então, você é obrigada a corrigir. A diretora ia de carro da prefeitura, um dia ia de rural<sup>19</sup> outro dia de camionete, são aqueles carros e condução antiga, não são esses carrões de hoje.

Já as crianças iam todas a pé para a escola, às vezes, algumas, que dava certo dos pais virem para a cidade, pegava uma carona, alguns vinham de cavalo, de carroça. Poderia estar chovendo, que as crianças, vinham mesmo com a chuva. Eles moravam longe, não era tão pertinho.

A professora Neiva morava na escola, como já expliquei. Eu já morava um pouquinho mais longe, era cerca de 1 km, não era muito longe.

Na época era bem dificultoso, porque não tínhamos zeladora, secretária, não tinha nada, éramos só nós as professoras! Para fazer o papel da merendeira era eu a Neiva, que fazíamos a merenda, a gente era mãe, porque tínhamos que cuidar das crianças, éramos enfermeira se acontecesse alguma coisa, enfim, tudo que acontecia dentro da escola, éramos responsáveis. Então a gente era merendeira, secretária, era tudo.

Nos primeiros anos da Casa Escolar, não havia cozinha, então as crianças levavam seu caldeirão de comida, depois mais para frente, foi feito a cozinha, eu mesma que criei. Fiz a cozinha no porão da escola, fechei o porão, e deixei tudo bem arrumadinho e fiz a cozinha.

---

<sup>19</sup> Um tipo de utilitário da época.

Depois começamos a fazer a merenda para as crianças, nós mesmos fazíamos! Bem antes de começar a aula, eu já deixava tudo certinho para a merenda, quando era leite com bolacha era mais fácil para fazer, outros dias era sopa, mas eu já deixava pronto. Era tudo fácil de fazer, não era difícil. O fogão era a lenha, imagina! As crianças que iam procurar lenha, eles acendiam o fogão, eles ajudavam bastante. Nossa, e como ajudavam! E é por isso que falo: eu tenho saudades daquela época.

Não tinha água encanada, era um poço. Na hora que precisava de água, as crianças que iam buscar no poço, eu ficava perto do poço para ajudá-las, olhando, não deixava irem sozinhas, porque, não podia deixar mesmo, não era muito longe da escola, eu tirava a água do poço e eles levavam. Era gostoso! Parecia aquela história da formiguinha.

Depois, eu e a Neiva, nós fundamos a religião, quando começamos dar aula de religião, formar crianças para a primeira comunhão. Então tudo aquilo que achávamos que era bom para as crianças, nós íamos implantando na escola, e aumentando o ensino, era muito bom. Os pais estavam sempre presentes, nos ajudavam e apoiavam muito. Fazíamos festinhas com as crianças, os pais colaboravam, fazíamos uma renda, para comprar as coisas para a escola, como comprar cortinas para tampar o sol.

Mais para o final, começamos a fazer uma horta, nessa horta as crianças ajudavam e os pais também, os pais faziam os canteiros, e depois, as crianças plantavam as mudas, sempre orientadas por nós, as crianças cuidavam, aguavam, era gostoso! Era muito bom!

Antigamente era tudo calmo, tão gostoso!

Nossa! Os alunos respeitavam demais os professores e os professores respeitavam os alunos, havia respeito entre o professor e os alunos, e depois, os pais, eles respeitavam muito nós professores, eles valorizavam os professores. Não é como é nos dias de hoje.

Naquela época, quando as crianças faziam alguma coisa errada, nós chamávamos a atenção deles, e quando as crianças vinham para a escola, eles vinham preparados, como eles tinham que agir na sala de aula.

Mais tarde, depois que eu não estava mais dando aula, foi quando fizeram um prédio novo para a escola, construiu a escola de material, mas eu não estava dando aula mais lá, estava num bairro próximo.

## TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA 5 – PROFESSORA IOLANDA



Foto tirada no dia da realização da entrevista.

Nome completo da colaboradora: Iolanda Fernandes Garcia

Idade: 68 anos

Data da entrevista: 02 de outubro de 2017

Minha formação para atuar como professora foi somente o magistério, que foi feito na Escola Estadual Jovelina dos Santos, na cidade de Bandeirantes – PR, onde hoje é o Colégio Estadual Cyriaco Russo.

Trabalhei 4 anos lá na Casa Escolar, no bairro Ormenezze, comecei em 1970 e foi até 1975 por aí. Ai que saudade!

Eu comecei a dar aulas por necessidades, naquela época não tinha concurso para professor, não tinha registro em carteira, a inspetoria chamava a gente para dar as aulas, era feito apenas um contrato conosco que valia por 1 ano. Depois quando chegava o fim do ano,

tinha que esperar o outro ano para ver se iria nos chamar novamente. Nessa época o prefeito era o Comendador Luiz Meneghel<sup>20</sup>, e a inspetora era a Geny Camargo Zulmires de Campos.

A escola foi construída com a ajuda do Sr. Ricierre Ormenezze<sup>21</sup>, ele via a necessidade de uma escola ali para os alunos, então ele doou um pedaço de terreno para a construção da Casa Escolar, que até hoje a escola leva o nome dele como uma homenagem a ele.

O Sr. Ricierre Ormenezze morava ali pertinho da escola, ele tinha uma venda e era ainda agricultor.

Era uma escola de madeira, com uma única sala de aula bem grande e era geminada com a casa da Neiva Ormenezze<sup>22</sup> que era filha do Ricierre Ormenezze.

A sala de aula era uma sala grande, tinha as carteiras, filtro de água, dois quadros negros. Era uma sala de aula multisseriada!

Era muito difícil ensinar numa sala de aula multisseriada, eu atendia a 1ª série até a 4ª série, todos juntos. Então tinha um quadro negro de um lado para a 1ª série e a 2ª série, e um outro quadro negro, do outro lado, para a 3ª série e a 4ª série. Para dividir a aula, eu primeiro atendia a 4ª e a 3ª série, passava atividades para eles e enquanto eles faziam eu atendia a 1ª e 2ª série. Eu ensinava todos os conteúdos, português, matemática, ciências, história... todos!

Eu morava aqui na cidade, pegava o ônibus todos os dias às 11h30min, era o ônibus da princesa<sup>23</sup>, chegava lá 12h15min, e já ia preparar a merenda das crianças, tinha que arrumar tudo bem rápido porque 13h começava a aula.

Quando eu chegava à escola, as alunas da 4ª série já estavam lá me esperando, para ajudar fazer a merenda, elas ajudavam muito! Toda vez que eu chegava elas já tinham feito o fogo lá no porão, porque não era fogão a gás, era fogão a lenha! Elas já adiantavam tudo, buscavam água, ajudavam a fazer a merenda, e ainda, depois das aulas, elas arrumavam a sala de aula para o turno da noite. Havia muito a colaboração deles!

Tínhamos uma horta, onde os alunos ajudavam a organizar, cuidar das verduras, eles faziam tudo na horta.

Todos os dias tinha que fazer o diário de atividades e levar na inspetoria para receber o visto e depois que eu ia para a escola. Esse diário tinha que apresentar todas as vezes que a inspetora ia à escola, mas antes de eu sair para a escola eu tinha que ir à inspetoria para a inspetora dar o visto no diário, só assim, eu poderia ir dar minhas aulas.

---

<sup>20</sup> Comendador Luiz Meneghel foi prefeito do município de Bandeirantes no período de 31/01/1969 - 30/01/1973.

<sup>21</sup> Sr. Ricierre Ormenezze agricultor e dono da venda do bairro Ormenezze do município de Bandeirantes.

<sup>22</sup> Neiva Ormenezze primeira professora da Casa Escolar Lourenço Ormenezze.

<sup>23</sup> Ônibus da Princesa uma companhia de ônibus que fazia o trajeto para a escola.

Lecionar numa sala de aula multisseriada tinha inúmeras dificuldades, porque atender quatro séries diferentes não era fácil, e ainda, o material didático pedagógico era muito escasso. O material que tínhamos era a cartilha Caminho Suave<sup>24</sup> para a 1ª série, e livros para as demais séries, naquela época era tudo copiado!

As orientações pedagógicas naquela época eram muito poucas, era uma vez por mês que tinha uma reunião, mas essa reunião era mais para passar recados, praticamente não havia orientação pedagógica nenhuma, nós professores que tínhamos que nos viver e buscar as orientações.

Na escola não tinha diretor, aliás, nenhuma escola tinha diretor. Tinha uma inspetora para todas as escolas, a dona Genizio Mendes de Campos, ela que sempre estava percorrendo as escolas, passava sempre 2 vezes por mês vendo se estava tudo certo, fazia vistoria nos alunos, na parte física da escola, porque orientações ela não dava não. E uma vez por mês fazia reunião com os pais dos alunos. Quanto à evasão escolar ela não fazia nada, era a gente mesmo que corria atrás.

A cartilha Caminho Suave, era uma cartilha que usamos, ensinávamos a lição para os alunos, dávamos tarefa de casa para as mães poderem ajudar em casa, como tarefas davam cópia, ditado, leituras e no dia seguinte, tomávamos toda a lição de casa do aluno, era assim, até concluir a cartilha antes do final do ano, essa era a meta! Eles tinham que saber contar, ler, escrever, esse era nosso objetivo! Não éramos nós professores que escolhíamos a cartilha, chegavam à inspetoria e eles distribuía para nós.

A formação continuada de professores não existia não, não se preocupava, era o professor mesmo que procurava orientações.

Um fato marcante da Escola, sem dúvidas são os pais, eles eram muitos participativos, estava sempre ajudando a escola e o Sr. Ricierre Ormenezze ajudava muito a escola. E também o circo, o circo sempre se instalava ao lado da escola, o pessoal do circo sempre estava indo lá e as crianças sempre assistiam os espetáculos.

Os pais, sempre que matavam porcos, mandavam para a escola uma carninha, um torresmo, então essa participação era muito importante, e as festas seu Ricierre Ormenezze ajudava a organizar e o pessoal da comunidade, eles sempre estavam participando. E o melhor: eles enxergavam o professor como o “dono do saber”, não é mais como hoje!

---

<sup>24</sup> Cartilha Caminho Suave Cartilha Caminho Suave permaneceu durante as décadas de 40 a 90 como um instrumento de concretização de determinado método, ou seja, da sequência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura e escrita.

Meus alunos, daquela época, até hoje vão na minha casa, eles vão lá apresentar os filhos, todos eram muitos amigos e participativos.

Ah! Saudade daquela escola!

Lembro muito bem, da dona Neiva que era filha do Sr. Ricierre Ormenezze, estava sempre ali, ela trabalhava a noite e eu à tarde e quando chovia não tinha condução, aí ela me substituía porque ela já morava lá. E a noite quando ela precisava ir para São Paulo, porque ela vendia roupas também, eu ficava lá e trabalhava a noite no lugar dela, ficava até às 10 h da noite, e meu pai ia me buscar. Era muito gostoso!

As crianças obedeciam muito, não eram faltosas, eles não tinham transporte escolar, e mesmo assim estavam sempre presentes na aula, mesmo em dias de chuva.

Ao lado da escola tinha o campo de futebol, nós fazíamos a educação física lá, tinha uma venda, uma farmácia, era um vilarejo, era uma comunidade muito unida, embora passassem muitas dificuldades para lecionar na Casa Escolar, falta de material didático, tenho muita saudade daquele tempo!

Nós professoras fazíamos papel de professor, diretor, merendeiro, se virava!

Chegava final do ano, a inspetora ia lá aplicar o exame, não havia tanta repetência não, as crianças e nós professores levávamos muito a sério, até porque, o básico ali era aprender a ler, escrever, contar e fazer as quatro operações.

As provas já vinham prontas e a gente aplicava, e ao final do ano a inspetora aplicava o exame, havia prova de leitura, para todos os alunos e a prova escrita.

## TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA II - PROFESSORA NEUZA

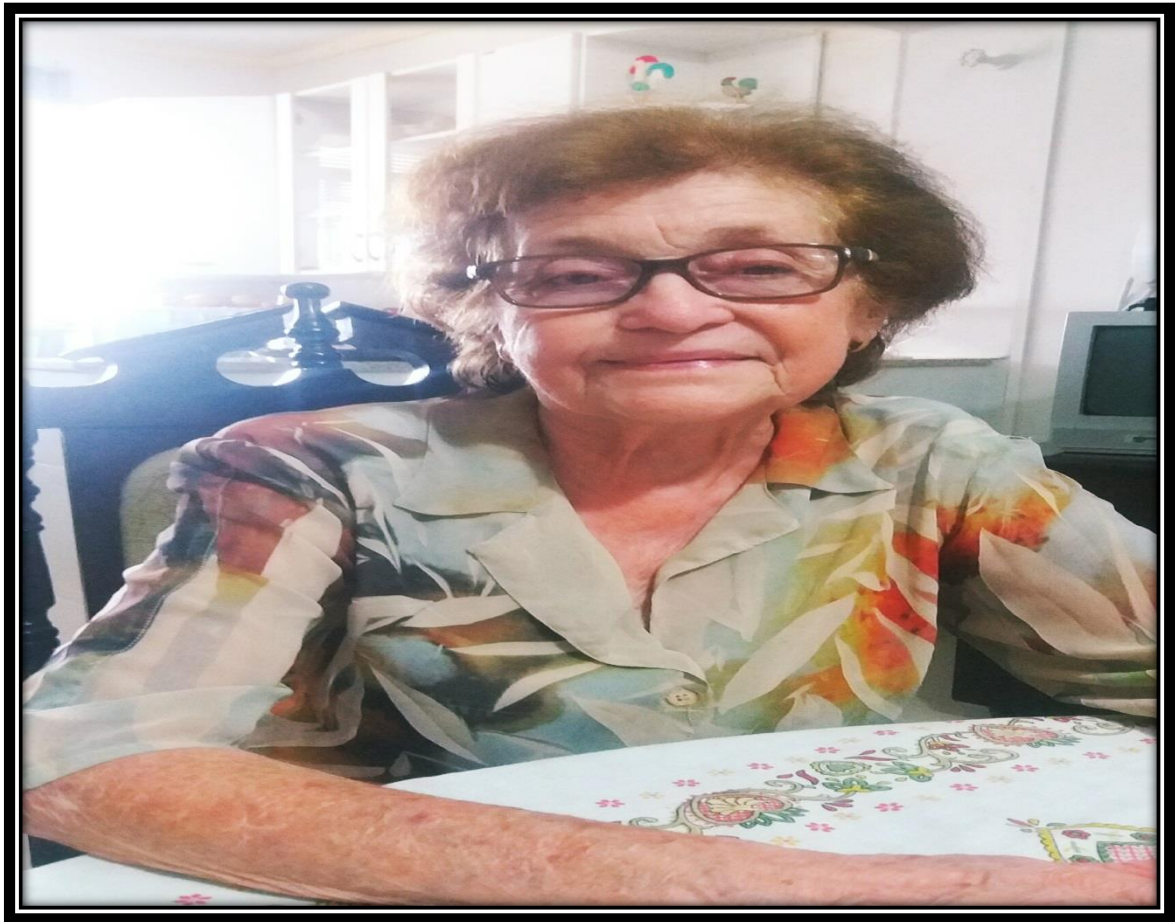


Foto tirada no dia da realização da entrevista.

Nome da Colaboradora: Neuza Augusta de Oliveira Delgado

Idade: 78 anos

Data da entrevista: 12 de outubro de 2017

Comecei meus estudos no Colégio interno, o colégio das irmãs Vicentinas em Jacarezinho-PR<sup>25</sup>, as irmãs eram nossas professoras, diretora, tudo era as irmãs, tinha pensionato externo e interno, o externato era quem morava fora do colégio, já o internato que quem morava no colégio, eu morava no internato! Só saía nas férias, ou então quando ia alguém da família visitar, o pai, o tio, enfim... o povo da família era então, quando saía do colégio e ficava o dia fora para passear com a família, mas tinha o horário para voltar, às 17h tinha que estar dentro do colégio novamente. Era um colégio bem rigoroso!

---

<sup>25</sup>Jacarezinho município do estado do Paraná dista a 392 km de Curitiba (capital do estado do Paraná) e 54 km do município de Bandeirantes.



A cada 15 dias, as irmãs nos levavam para passear pela cidade, então saíamos com as irmãs, era até engraçado! (risos), porque era assim, saíamos em filas duplas, na frente iam duas irmãs, depois mais ao meio da fila mais duas irmãs, e o fim da fila mais duas irmãs. Era assim íamos em fila, uma atrás da outra, era tudo bem rigoroso, sem conversa!

Esses passeios, às vezes, eram no jardim, na rodoviária, ferroviária, andávamos pela cidade passeando, no domingo quando as irmãs sabiam que ia passar filme no cinema, e esse filme era um filme bom, porque naquele tempo era filme do Jeca Tatu, Mazaropi, então as irmãs nos levavam para assistir esses filmes! Mas era assim entrava em fila uma atrás da outra, sentava, levantava e saía em fila para voltar ao Colégio.

Entrei no colégio com 11 anos e saí com 17 anos, iria ficar mais, só que meu pai me tirou de lá, porque na época fui convidada para ser freira, só que meu pai não deixou então ele achou melhor me tirar do colégio, com medo de que eu fosse embora.

Na época, quando saído colégio das irmãs, meu pai estava morando em Rancho Alegre<sup>26</sup>, porque quando eu entrei para o colégio das irmãs, meu pai trabalhava no Bairro Ormenezze, na venda que tem até hoje lá. Por esse motivo também foi que eu saído colégio das irmãs, porque meu pai ficou muito distante de mim, porque quando ele morava no Ormenezze, o Sr. Ricierre Ormenezze<sup>27</sup> sempre ia no colégio levar as coisas para mim, e levava notícias minhas para meu pai.

Quando saído colégio fui para Rancho Alegre e o prefeito de lá era muito amigo do meu pai, e sabia que eu estava estudando. Naquela época não precisava de muito estudo para dar aulas e foi quando ele se interessou em mim, queriam que eu entrasse como diretora, mas eu não aceitei porque não tinha conhecimento de nada sobre escola. Então foi a convite do prefeito que comecei a dar aulas, foi em 1955 até 1960 que trabalhei em Rancho Alegre.

Depois surgiu um convite para meu pai vir morar em Andirá<sup>28</sup>, então viemos embora porque era mais perto da nossa família, mas não trabalhei como professora, não consegui aulas, foi quando eu fui para Castro<sup>29</sup> fazer um curso que durou 1 ano e meio. Quando voltei para Andirá, assim que eu cheguei foi quando o Sr. Ricierre Ormenezze, na época o prefeito de Bandeirantes era o José Mario Junqueira<sup>30</sup>, eles foram lá, em Andirá, conversar comigo e

---

<sup>26</sup>Rancho Alegre município do Estado do Paraná, dista 433 km de Curitiba (capital do Estado do Paraná) e 85 km do município de Bandeirantes.

<sup>27</sup>Sr. Ricierre Ormenezze agricultor e dono da venda do bairro Ormenezze do município de Bandeirantes.

<sup>28</sup>Andirá município do Estado do Paraná, dista 405 km de Curitiba (capital do Estado do Paraná) e 19 km do município de Bandeirantes.

<sup>29</sup>Castro município do Estado do Paraná, dista 193 km de Curitiba (capital do Estado do Paraná) e 289 km do município de Bandeirantes.

<sup>30</sup>José Mario Junqueira foi prefeito do município de Bandeirantes no período de 05/12/1959 - 04/12/1963.

meu pai, nos chamando para morar no Bairro Ormenezze e me convidando para dar aula na Casa Escolar. Então foi a convite deles que eu comecei a dar aula na Escola do Ormenezze, em 1962.

Quando comecei dar aula na Casa Escolar, eram muitas as dificuldades, porque é aquela história que sempre falávamos e ainda falo “nós era tudo”, professora, merendeira, diretora, zeladora e mãe, era essa uma dificuldade enorme, era a maior dificuldade, foi difícil! Porque tinha que planejar os horários certos, primeiro vou fazer isso, depois aquilo, porque quando ia dar a aula o lanche das crianças já tinha que estar pronto, porque na hora do lanche não ia dar tempo de preparar o lanche, então já tinha que deixar pronto! E assim dependendo do lanche tinha que deixar em cima do fogão de lenha com um fogo pequeno para manter bem quentinho até chegar a hora do lanche.

Recebíamos da própria inspetoria de ensino as orientações pedagógicas, tinha a diretora que na época era a Maria da Glória que já faleceu, e tinha também uma que chamávamos de “Menininha” que era a auxiliar da diretora às vezes também recebíamos dela as orientações, recebíamos também os planejamentos, porque elas viam as dificuldades que tínhamos na escola, então elas já nos davam o planejamento pronto pra nós, davam os livros que elas queriam que trabalhássemos com os alunos, recebíamos tudo pronto. Às vezes, elas perguntavam e pediam umas coisas para nós, como por exemplo, “o que você gostaria de dar para seus alunos”, ou, “o que eles têm dificuldades”, “como você quer que seja: que eles copiem do quadro ou você quer levar pronto para eles responder e depois passar no quadro”.

Então, por exemplo, eu trazia tipo uma apostila de tarefas para meus alunos, eu sempre pedia para fazer no Zé Mariano, ele tinha uma gráfica na época na cidade, então eu pedia muito trabalho para ele fazer cópias.

Nas aulas que eu levava as cópias da apostila, eu primeiro conversava bastante com meus alunos, explicava bastante para eles entenderem, e aplicava como se fosse um provinha, mas não era um prova. Então eu corrigia, dava até a nota e depois falava assim para eles: se fosse uma prova você teria passado, você tirou tanto, Nossa! Eu incentivava muito meus alunos!

Às vezes levavam dias e até uma semana inteira no mesmo conteúdo, eu passava os mesmos exercícios no quadro, eles copiavam tudo certinho. Assim, se fosse uma continha de dividir, eu passava 242 dividido por 2, eu ia passar com os números diferentes, você não iria passar com os mesmos números, mas com os traços iguais, para os alunos tomarem bem conhecimento sobre aquela divisão, aquela subtração. Era gostoso trabalhar lá!

Na época não existia a formação continuada para nós professores, a única coisa que tinha era, de vez em quando um curso pedagógico, mas era difícil ter.

O material didático que usávamos naquela época era a cartilha e tinha o livro também, livro de matemática, história, além desses livros tinha a apostila, a inspetoria que nos dava a apostila com exercícios quase iguais aos do livro.

As visitas da inspetora de ensino, não tinha data marcada, pegava a gente de surpresa mesmo, a função da inspetora quando chegava à escola, eram mais para ter conhecimento sobre os alunos, como estavam indo os alunos, a disciplina, se eles estavam fazendo os deveres de casa, se os alunos estavam com dificuldades, e também para ver se nós estávamos com o diário pronto. Ai de você se ela chegasse na escola e você não estivesse com o diário pronto! O diário não podia ser repetido, por exemplo, se você fazia o diário hoje com um conteúdo, amanhã você não podia dar o mesmo conteúdo, tinha que fazer o diário para a semana inteira de segunda a sábado, porque naquela época tinha aula até no sábado.

A inspetora também olhava se os exercícios que estavam sendo usados em sala de aula, se você estava tirando do planejamento, do livro, ou se você estava inventando da sua própria cabeça, porque não podia inventar. Por exemplo, hoje vou dar uma aula de matemática, aí você pensa um pouco e inventa um probleminha ali na hora, não podia! Elas queriam que você pegasse os probleminhas, ou exercícios, do livro, do planejamento, tinha que colocar o número da página que estava aquele exercício que você iria usar na sala e sempre acompanhando o planejamento.

Eu mesma gostava muito de deixar a sexta-feira e o sábado para recapitular os deveres, os exercícios da semana, mas era tudo conversado com a inspetora.

No final do ano, se fossemos trocar de turma para o próximo ano, tinha que devolver os livros e as cartilhas para a inspetoria, os livros tinham que estar sem rasura, sem dobras, limpos e ainda encapados, porque outra professora iria usar. Era tudo muito rígido, mas era bom, era gostoso!

Naquele tempo os alunos não paravam de estudar, os alunos que entravam iam até o final, só saíam da escola em caso de mudança para outro bairro ou cidade, mas caso contrário iam até o final. Os alunos não tinham nem faltas, podia estar chovendo, não estar chovendo, podia estar muito quente, fresco, muita poeira, sem poeira, eles iam todos, e os pais apertavam eles, eles tinha que ir mesmo.

Minhas aulas eram assim, nunca entramos numa sala de aula sem formar fila e cantar do lado de fora da Casa Escolar, as crianças já estava até acostumadas, cada um pegava seu lugarzinho certo na fila, do menor para o maior, eu olhava a fila e via todas as cabecinhas

deles certinhas, não tinha um para um lado e outro para o outro, era tudo certinho, a fila retinha. E então, entrávamos para a sala em fila, não tinha esse negócio de entrar correndo não, do jeito que saía lá de fora entrava na sala, e cada um ficava ao lado de sua carteira em pé, rezávamos e só depois é que eles sentavam em seus lugares, sem correria, falação. Sentavam com os pés para dentro da carteira, nada de colocar os pés para fora, porque era perigoso vir uma criança, tropeçar e cair. Eu era muito rígida!

Iniciava a aula conversando um pouco com eles, sobre qual dia era da semana, qual data, depois fazíamos o cabeçalho da escola, assim eram as aulas, mas essa parte era bem rápida, porque não tinha que ficar chamando a atenção, eles era todos quietinhos, e outra coisa, depois que entravam na sala, eu não deixava ninguém sair para ir beber água ou ir ao banheiro, eu mandava ir antes de entrar para a sala, eu não gostava porque, às vezes, eles habituavam em sair para dar uma volta, jogar uma bola. Então, eu falava só se você estiver com uma dor de barriga, aí tudo bem, e se você quiser mentir que sua barriga está doendo eu descubro. Eles acreditavam que eu descobria, mas eu não descobria nada (risos), mas era assim, era bom!

No começo eu dava aula para as quatro turmas e depois foram apenas duas. Eu organizava as aulas, como naquele tempo tudo era decorado, como as tabuadas, os pontos de histórias, geografia e ciências, então eu fazia assim: dava um questionário de perguntas para o quarto ano pedia para dar uma lida e dizia que já vinha tomar a lição Nesse momento eu passava para o segundo ano, e aí, até que o segundo fazia a tarefa, eu voltava para o quarto ano tomar a lição deles. Mas também não fazia perguntas assim, para atrapalhar o segundo, eu sempre procurava fazer com que o segundo fizesse a tarefa com atenção, conversava um pouquinho com o quarto ano, para ninguém atrapalhar o outro.

No começo era um quadro só e eu dividia ao meio, só que aí depois eu pedi dois quadros, porque aí um quadro erado segundo e aquele outro do quarto. Porque vai saber, criança é meio assim, às vezes copiava a parte do outro, então eu passava as tarefas, o segundo já ia terminando, enquanto o quarto resolvia, eu corrigia do segundo, mandava eles irem ao quadro responder, até porque não era aquela bagunça, na época era tudo calmo, nunca fazia aquela salada de um monte de matérias, era uma de cada vez, separado. Não tinha dificuldade, não!

Ser professora naquela época, ter esse título de ser professora, nossa! Era o auge, professora fulana de tal, até os vereadores tratavam com muito respeito nós professoras, era uma grandeza, era muito importante, nossa! Era respeitada por todos, pelos pais de alunos,

vereadores, alunos, nos chamavam de professora, não era pelo nosso nome, era professora! Era muito bom! A gente se sentia maior que as outras, um valor maior, por ser professora.

Um fato marcante da Casa Escolar, lá aconteceu muitas coisas gostosas, uma é o nome da escola, o seu Lourenço era uma pessoa tão boa, era muito bom, e também quando veio os primeiros comentários sobre a construção do novo prédio. E quando eu entrei para trabalhar, porque nunca imaginei que eu fosse trabalhar naquela escola, e também quando eu saí, chorei muito, nossa!

Aquilo me marcou muito, os alunos pareciam que estavam arrancando um pedaço de mim, e, ainda hoje, encontro meus alunos, com 50 e poucos anos, eu tinha eles como filhos, então, o que me marcou foi quando eu entrei e quando eu saí. E essas mudanças também, porque foram boas para a melhoria da escola.

Ah! Uma saudade! São muitas, deixar aquela escola, escola simples, gostosa, mesmo com as coisas difíceis, porque não tinha nada certo, até a cozinha não era própria, mas eu era muito apegada àquela escola! Largar o povo, o pessoal, aquele povinho meu!

Senti muito de deixar aquela escola, aquela turma, me doía à alma inteirinha, em deixar todo mundo, deixar todas aquelas crianças e ir embora para outra escola que não conhecia. Então é uma saudade que me marcou muito e marca até hoje, eu me lembro da escola e deles, parece que estou vendo aquela escada que subia aquela sala cumprida, tenho boas lembranças, tudo era bom!

A lembrança melhor de todas foi no primeiro ano que trabalhei, quando chegava ao fim do ano, faziam os exames com os alunos, mas eram as professoras da cidade que iam lá aplicar os exames, e depois nós íamos na inspetoria fechar o livro de chamada e também ver os alunos que passaram fazer os boletins e tudo. E quando eu fui à inspetoria a primeira coisa que a Dona Inês e a dona Maria da Glória, quando eu cheguei à porta, elas abriram os braços, aí eu pensei: aí que será isso? Elas falaram que precisavam me dar um abraço. Aí eu disse: mas nem é meu aniversário, pra que abraço? Aí foi que elas falaram: Neuza, do município inteiro, a única escola, a única sala que não teve nenhuma reprova foi a sua, e ainda com média boa. Ai menina! Àquela hora, como que eu chorei, até quando eu lembro eu choro (escorre lágrimas de seus olhos),mas eu chorei, chorei, chorei, aquilo pra mim foi, nossa! Primeiro ano dando aula na escola, nossa...aquilo!

Foi aquilo que me deu entusiasmo de trabalhar e de dar aulas, depois disso não tive dificuldades, porque aí comecei a dar aula a noite também na escola, passava meu dia lá, foi tudo bem! Tudo ótimo!

Foi Maravilhoso! Foi ali que peguei minhas experiências, foi muito bom, e foi aonde eu aprendi mais do que eu sabia, e foi onde eu consegui dar um pouquinho de mim para um alguém, e esse alguém que eu dei um pouquinho de mim, hoje, graças a Deus, os que eu encontro, uns se formaram dentista, outros em banco, outros foram trabalhar por conta própria. Então, eu vi um rendimento, aquele primeiro ano que não sabia nem pegar no lápis, chegar no fim do ano à diretora vir falar que ninguém reprovou, Não deu para acreditar, foi uma loucura!

Aquilo pra mim foi coisa de outro mundo! “Eram 35 alunos, as quatro turmas, ninguém reprovou”!

Isso foi gratificante! Era bem diferente!

Mas foi tudo muito bom. Ai se eu pudesse voltar tudo de novo, eu voltaria!

## CAPÍTULO 5

### **É DE SONHO E É DE PÓ, É DE MEMÓRIAS E É DE VIVÊNCIAS: uma narrativa sobre a primeira década da Casa Escolar Lourenço Ormenezze**

O que eu digo não é inovador, porque já disseram antes de mim, mas é novo e original no sentido de que sou eu quem, a partir do ouvido, seleciona e organiza.

Um mesmo conjunto de retalhos pode formar colchas diferente,  
únicas.

(SOUZA, 2011, p.166)

Á beira de uma estrada grossa de poeira, ao lado de uma venda, bem ali entre as árvores querendo crescer, de frente a uma igreja, em meio essa paisagem totalmente bucólica, se encontrava uma simples e modesta Casa Escolar.

Uma comunidade que vivia simplesmente da agricultura, que uniu forças para conseguir construir essa escola, em meio a tantas dificuldades à procura de uma educação para seus filhos. Sr. Ricierre Ormenezze, esse agricultor e dono da tão famosa venda do bairro, foi a importante pessoa que fez com que a educação chegasse ali.

Havia outras duas escolas em bairros vizinhos, mas eram muito longe para as crianças estudarem, e se os pais as matriculassem nessas outras escolas, as crianças teriam que percorrer um longo caminho para chegarem ao destino. Assim os sitiantes do bairro conversaram com o Sr. Ricierre Ormenezze e foi implantada a Casa Escolar. *“Era uma comunidade muito unida”* (trecho da entrevista da professora Iolanda, 02 de outubro de 2017).

Um pequeno terreno doado, para a construção da escola, sem luxo, apenas trazia junto de cada tábuia de madeira a esperança para aquela comunidade, uma educação para todos. *“Que na verdade foi construída uma casa onde foi morar a Neiva que era filha do Sr. Ricierre Ormenezze”*. *Nessa mesma planta deixaram um salão onde era a sala de aula* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017). Neiva foi a primeira professora da Casa Escolar.

De madeira, com um porão, forrada e com vitrô, era assim a Casa Escolar e *“naquela época uma escola que tivesse vitrô e que fosse forrada, era muito moderna”* (trecho da

entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017). Não havia muro ao seu redor, cercada de árvores e o chão era tudo terra, sem varanda. Tinha uma escadaria alta que levava até a porta de entrada e ao chegar à porta uma única sala de aula.

O nome da escola não teve muito que se pensar, uma homenagem de filho para o pai, isso mesmo, Lourenço Ormenezze pai de Ricierre Ormenezze, assim o nome da escola Casa Escolar Lourenço Ormenezze surgiu, da homenagem singela de um filho para o pai.

Era uma escola que dividia espaço com a moradia da primeira professora, Neiva Ormenezze. Escola essa, que tinha uma única sala de aula e uma cozinha no porão, nada mais.

Uma sala de aula com carteiras duplas, um quadro negro, um pequeno armário lá no fundo, bem à frente do quadro a mesa da professora que suportava um candelabro; ao lado, um filtro de água, ainda de barro. “*A sala de aula era bem completa*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Assim a tão desejada escola, onde os filhos dos agricultores que moravam ali por perto iam todos os dias estudar, sem faltar um dia sequer, pois desistir dos estudos, jamais. Todos os dias estavam ali, “*podia estar chovendo ou não, podia estar muito quente, fresco, muita poeira, sem poeira, eles iam todos*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

Com um ensino multisseriado, e 50 alunos numa única sala era a grande dificuldade para as professoras naquela época, “*eu dividia a sala assim, por fileiras de carteiras*” (trecho da entrevista da professora Iolanda, 02 de outubro de 2017), cada fileira uma série, de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série naquela sala estudava, “*a gente dividia os quadros para passar os exercícios. Usávamos muito o quadro*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017), sem energia elétrica e água encanada. As disciplinas que ensinavam eram Matemática, Português, Conhecimentos Gerais, Religião e cuidados com a horta. “*O ensino era bom, mesmo com toda dificuldade*”. (trecho da entrevista da aluna Maria Rosa, 17 de julho de 2017).

Com a colaboração de todos a escola funcionava. “*As crianças que iam procurar lenha, acendiam o fogão e ajudavam bastante. Nossa, e como ajudavam! E é por isso que falo: eu tenho saudades daquela época*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017). Os pais ajudavam muito, sempre presente nas atividades, apoiando a professora, ajudando os filhos com os deveres mesmo diante a toda dificuldade da época. “*Um fato marcante da Escola, sem dúvidas são os pais, eles eram muitos participativos*”. (trecho da entrevista da professora Iolanda, data 02 de outubro de 2017).



Para alegrar um pouco aquele povo, na escola de vez enquanto aparecia, aquele circo lindo cheio de alegria, era uma fantasia para as crianças se divertirem. Assistir ao palhaço com suas palhaçadas era garantir um sorriso estampado em cada um, que levantava para aplaudir. *“E também o circo, o circo sempre se instalava ao lado da escola. O pessoal do circo sempre estava indo lá e as crianças sempre assistiam aos espetáculos”* (trecho da entrevista da professora Iolanda, 02 de outubro de 2017).

Para lecionar na Casa Escolar, ser professora não bastava, tinham que encarar outras funções como, merendeiras, faxineiras, diretoras e enfermeiras, *“na época era bem difícil, a gente era mãe, era tudo”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

As professoras tinham magistério, mais nada, pois não precisava de muito estudo, o que precisava mesmo era coragem e amor; coragem para lecionar todos os dias diante de todas aquelas dificuldades, e amor para que tudo desse certo.

Não havia formação continuada ou orientações pedagógicas para as professoras. Não se preocupava com isso naquela época, havia apenas algumas reuniões que eram mais para recados. *“Nós professores que tínhamos que nos virar e buscar as orientações”* (trecho da entrevista da professora Iolanda, 02 de outubro de 2017). Conversavam entre elas na busca de novas atividades para os alunos, como fazer e como ensinar, diante ao pouco recurso o jeito era improvisar. *“Muitas coisas que eu aprendi no colégio, eu aplicava nas aulas, as crianças adoravam”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

As professoras ensinavam com dedicação, mesmo com as dificuldades que se passavam na época. O diálogo com os alunos sempre prevalecia, ensinavam um pouquinho de tudo, desde as contas de Matemática até as cartas de Português e ainda tinham os questionários de Conhecimentos Gerais, as aulas de Religião eram muito importantes, e os cultivos com a horta também. *“Eles tinham que saber contar, ler e escrever, esse era nosso objetivo!”* (trecho da entrevista da professora Iolanda, 02 de outubro de 2017).

Para que os alunos apreendessem, tudo que se achava era utilizado, ensinar Matemática com sementes, com grãos ou com qualquer outra plantação que estivesse caída pelo chão, era uma tecnologia da época, números, contas de adição e subtração, a matemática ensinada dessa maneira era uma evolução. *“No caso de diminuir, por exemplo, era nove, eu colocava nove grãos depois ia tirar quatro desses nove, aí as crianças manuseavam”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Nas aulas de Português, com o alfabeto começava, depois disso, iam juntando as letras, formando as sílabas, e as palavras surgiam. Sempre que possível eram feitas atividades

diferenciadas, tais como, teatro de fantoches usando a criatividade “*As atividades das crianças, eu adorava demais. Fazia teatrinhos de fantoches com as crianças*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Bem antes da aula começar, já era possível encontrar todos lá, a professora e as crianças chegavam cedo para, procurar lenha, acender o fogão e preparar a merenda; ir até ao poço, com um balde, para buscar água. Todos ajudavam como podiam para tudo funcionar bem. “*Era gostoso! Parecia aquela história da formiguinha*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Das cartilhas da 1ª série até os livros da 4ª série, que vinham do governo, e a prefeitura distribuía, nada as professoras escolhiam, as atividades da sala de aula, tudo era planejado com diário de classe, tudo feito pelas professoras e revisado pela inspetoria de ensino, em todas as visitas da inspetora de ensino na Casa Escolar, era feita a vistoria na sala de aula, nos cadernos dos alunos, no diário das professoras, tudo era olhado. “*O ensino era bom, mesmo com toda dificuldade que a professora tinha para ensinar quatro séries juntas, eu acho que nós aprendíamos mais, porque havia respeito com o professor*” (trecho da entrevista com a aluna Maria Rosa, 17 de julho de 2017).

Sem uma diretora presente todos os dias na escola, apenas de 15 em 15 dias sem hora marcada, de surpresa era possível ver a inspetora de ensino chegar. Vinha da cidade, de carro, fazia uma visita seguida de vistoria e logo partia para visitar outras escolas.

Na vistoria tudo era olhado, os cadernos de cada aluno, um por um, o diário de classe da professora, a higiene da sala de aula, e principalmente dos alunos. Muito se cobrava da professora, não eram aceitos cadernos sujos ou com beiradinhas dobradas, as famosas orelhas dos cadernos eram inadmissíveis. “*Se tivesse algum dever que eu passei e que não tivesse feito a correção, ela me chamava a atenção*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

O diário de classe era uma preocupação, tanto para a professora, quanto para a inspetora, sem ele nada se fazia. No diário, tudo era registrado. Inúmeras atividades, desde os exercícios de matemática até os questionários de conhecimentos gerais. Nada podia ser repetido, nada podia ser inventado, tudo deveria ser retirado dos livros e da cartilha, seguindo o planejamento. “*Por exemplo, hoje vou dar uma aula de matemática, aí você pensa um pouco e inventa um probleminha ali na hora. Não podia!*” (trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

Para ensinar, o material didático era escasso, muito se tinha que improvisar, as professoras criavam os materiais possíveis para os alunos aprenderem, do simples grão ou

semente para aprender a contar até os fantoches e teatros para desenvolver a leitura, a imaginação. Tudo era passado no quadro e os alunos copiavam em seus cadernos. Muitos dos alunos não tinham condições de comprar um simples caderno, então eram as professoras que doavam.

A iniciativa de ensinar Religião foi da professora Neuza. Preparar aquelas crianças para a primeira comunhão, essa missão ela aceitou. *“Então tudo aquilo que achávamos que era bom para as crianças, nós íamos implantando na escola, e aumentando o ensino, era muito bom!”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Dever de casa todos os dias, tinha que levar e no outro dia trazer de volta. Tudo respondido para a lição a professora verificar, se não soubesse ganharia castigo. *“Se não soubesse ficava de castigo! O castigo era ir à frente ao quadro, às vezes tinha que ficar de joelho no milho ou em pé perto da professora”* (trecho da entrevista da aluna Deise, 22 de julho de 2017). Mas as crianças sabiam que não podiam brincar, e os deveres sempre faziam para o outro dia levar. A professora sempre reconhecia o esforço da criança para estudar. *“Eles traziam todos os dias, mesmo com as dificuldades de casa. Eu não tenho do que reclamar.”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Uma horta para todos era uma das aulas mais gostosas para as crianças. Era o momento de ensinar o cultivo com a terra e como cuidar das verduras. Tudo muito bem organizado, até os pais participavam fazendo os canteiros para as crianças plantarem. Plantavam de tudo um pouco, depois era só regar, cuidar e colher. As verduras eram usadas na merenda das crianças. *“As crianças plantavam as mudas, sempre orientadas por nós, as crianças cuidavam, aguavam, era gostoso! Era muito bom!”*. (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Na escola uma rotina tinha que se seguir. Todos os dias, antes de começar a aula, lá fora, em frente á escadaria, todos em fila, do menor para o maior, tinham que cantar o hino nacional e *“eu olhava a fila e via todas as cabecinhas deles certinhas, não tinha um para um lado e outro para o outro, era tudo certinho”*. (trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017). *“Logo após entrarem para a sala, todos bem comportados, sem correria ou falação, aquela boa oração não podia faltar.” Entrávamos para a sala em fila e cada um ficava ao lado da sua carteira, em pé, rezávamos e só depois é que eles sentavam em seus lugares”*. (trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

De segunda-feira até o sábado eram dias de estudar. Após a aula do sábado, as crianças tinham que ajudar a professora com a limpeza da sala de aula. No sábado, também, as professoras ajudavam a cuidar das crianças para as mães trabalharem. *“Algumas crianças,*

*que não tinham condições, e as mães trabalhavam na roça, nós ajudávamos a cuidar, no sábado depois da aula e até no domingo”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

A Casa Escolar também funcionava no período da noite e a professora Neuza que lecionava, mesmo sem energia elétrica, todos estudavam. A noite era especial, pois era a hora da alfabetização de jovens e de adultos. Acendiam um lampião a gás em cada canto da sala, e ali acontecia a aula. *“Ficava bem clarinho, naquele tempo tudo que íamos fazer, tínhamos que parar e pensar, como vai ser melhor, e o que vou fazer para dar certo. Éramos nós mesmos que tínhamos que pensar e fazer”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

Nas palavras dos colaboradores, o final do ano era bonito de ser ver, aquelas crianças que mal sabiam pegar no lápis, agora sabiam escrever e diante daquelas dificuldades todos saíam alfabetizados. Era o orgulho da professora, o objetivo tinha sido alcançado.

Na hora de aplicar as provas de aprovação do fim de ano, não era pelas professoras, mas pelas inspetoras de ensino. Os alunos faziam prova oral e prova escrita, de Matemática e de Português. Era a prova escrita dissertativa, não havia questões de múltipla escolha. A avaliação de Conhecimentos Gerais era oral, os alunos tinham que falar. *“Então, tinha que estudar muito para poder passar!”* (trecho da entrevista da aluna Deise, data 22 de julho de 2017). Mas no final a professora não se cabia de alegria ao ver as crianças todas passarem nos exames. *“Graças a Deus, não tinha reprovação. Nossa aprovação era ótima”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 26 de julho de 2017).

A questão de reprova era algo importante. Não ter reprova era uma alegria, sinal de dever cumprido. Para as professoras era um mérito não ter nenhum aluno reprovado, consideravam que era um reconhecimento que se tinha diante do município. Todos ficavam sabendo, e quem tinha uma turma inteira aprovada, era homenageada. *“Então, eu vi um rendimento, aquele primeiro ano que não sabia nem pegar no lápis, chegar no fim do ano a diretora vir falar que ninguém reprovou, não deu para acreditar! Foi uma loucura! Aquilo pra mim foi coisa de outro mundo!”* (trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

Ser professora diante de todos esses obstáculos a vencer não era fácil, era interpretar e assumir todos os papéis que compunham a educação naquela época para poder no final ser campeão, ser criativo, usar a imaginação, lidar com o pouco material, se desdobrar em mil e fazer mil coisas acontecerem. Mas no final as professoras sabiam o quanto era importante ensinar, o reconhecimento era de todos. *“Ser professora naquela época, ter esse título de ser*

*professora, nossa! Era o auge. Era respeitada por todos, pelos pais de alunos, vereadores, alunos. Nos chamavam de professora, não era pelo nosso nome, era professora! Era muito bom! A gente se sentia maior que as outras, um valor maior, por ser professora”*(trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

Quantas histórias e memórias... a Casa Escolar Lourenço Ormenezze deixou saudades por quem ali passou, seja aluno ou seja professor, cada um guardou um fato marcante da sua vida, que essa escola retratou. Hoje ao lembrar daquela simples Casa Escolar, os sentimentos de reviver, os risos, os dramas, as tramas e até as lágrimas fazem renascer, diante da memória de cada um, o modo como cada um protagonizou a sua história na Casa Escolar. Apenas um sentimento igual por todos que narrou, a saudade, que não cabe no coração na hora de contar cada episódio e haja emoção em cada uma das vozes que pudemos ouvir. Respeito e dedicação. *“Eu lembro da escola e deles, parece que estou vendo aquela escada que subia, aquela sala cumprida, tenho boas lembranças, tudo era bom!”*(trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

No caminho da aprendizagem, ali naquele bairro da zona rural, onde todos unidos lutaram, para conquistar o direito à educação, foi preciso muita, mas muita vontade e colaboração, trabalho e cooperação. Foi preciso doação e muito mais que a doação de um pedaço de chão, doação de um terreno para subir aquelas paredes. Foi preciso viver aquele espaço, aquela Casa Escolar. E viver esse tempo e esse espaço, num mesmo tempo e num mesmo espaço, pertenceu a cada um, nas suas respectivas maneiras de fazer tudo aquilo acontecer. Cada um como uma comunidade.

Memórias que nos dizem muitas coisas. Narrativas que contam e nos lançam para além das linhas que se transcrevem sobre o papel.

*Foi Maravilhoso! Eu era muito apegada àquela escola! Senti muito de deixar aquela escola, aquela turma, me doía a alma inteirinha, em deixar todo mundo. Mas foi tudo muito bom. Ai se eu pudesse voltar tudo de novo, eu voltaria!* (trecho da entrevista da professora Neuza, 12 de outubro de 2017).

Um tempo, um povo, uma venda, uma Casa Escolar... memórias que criam essa narrativa.

### **Considerações...**

Desenvolver este trabalho, utilizando como metodologia de pesquisa a História Oral, que toma a oralidade e a memória como fonte de informação para compreendermos o objeto de pesquisa, e principalmente, a criação intencional de documentos a partir das entrevistas, me fez refletir muito sobre a importância desse trabalho para a escola, que através das memórias dos depoentes se deu a criação de uma narrativa sobre a escola.

Na História Oral, o pesquisador busca informações por meio de documentos escritos, imagens, e se apoia, principalmente, nas fontes orais para construir versões históricas. Por meio desses conceitos teóricos e metodológicos é que buscamos, num primeiro momento encontrar documentos oficiais, onde pudesse haver registros da parte histórica da Casa Escolar Lourenço Ormenezze. Após uma busca na Secretaria da Educação e na escola, conseguimos apenas algumas fotos da Casa Escolar e nenhum documento sobre a escola foi encontrado.

Após essa primeira investigação foram realizadas as entrevistas com as professoras e alunas que vivenciaram de alguma maneira a Casa Escolar.

Diante das entrevistas realizadas contendo todas as possíveis memórias e histórias que foram vivenciadas pelo grupo de entrevistados, foi possível construir uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento da Casa Escolar, onde essa narrativa hoje, assume um papel de documento histórico sobre a Casa Escolar e pode servir à comunidade interessada.

Todo esse caminho percorrido me fez ter uma visão e amadurecimento como pesquisadora e notar a importância que este trabalho tem para essa escola.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALVES, M. C. S. O. A importância da História Oral como metodologia de pesquisa. **Anais da VI SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL / III ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA**. 2016, Ituiutaba-MG, p. 1-9. Disponível em: <http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>> Acesso em: 15-04-2017.

BALHANA, A.P.; MACHADO, B.P.; WESTPHALEN, C. M. **História do Paraná**. Curitiba, GRAFIPAR, 1969, v.1. p. 215, 216 e 217.

BAREIRO, E. **Políticas educacionais e escolas rurais no Paraná 1930-2005**. Maringá: UEM, 2007. 107f. Dissertação (mestrado em Educação para Ciência). Programa de Pós-88. Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática, Universidade Estadual de Maringá.

BEZERRA NETO, L. **Avanços e retrocessos da educação rural no Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n], 2003.

CALAZANS, M. J. C. Para compreender a educação do Estado no meio rural - traços de uma trajetória. In: Jacques Therrien e Maria Nobre Damasceno (coords.). **Educação e Escola no campo**. Campinas, Papirus, 1993.

CARVALHO, M. M. C. de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ESCOLA ESTADUAL DO CAMPO LOURENÇO ORMENEZZE. **Projeto Político Pedagógico**. Bandeirantes 2012.

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os Tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº.14, 2000.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, pp. 9-55, vol. 11, n. 19, Janeiro/Junho, 2003.

GARNICA, A. V.M. **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil – 1.ed**. Curitiba: Appris, 2014.

LEITE, S. C. **Escola Rural: Urbanizações e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, R. B. Estudos culturais: do planejamento á transcrição, textualização da literatura oral. In: **II Congresso Internacional de História UEPG- UNICENTRO**. 2015.

LOURENÇO, FILHO. Alguns aspectos da educação primária. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, out.-dez. 1940, n. 4, p.649-664.

MENDONÇA, S. R. de. **Estado e Entidades Patronais Rurais no Brasil Recente** (1964-1993). São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLIVEIRA, M. C. M. de. Organização escolar no início do século XX: o caso do Paraná. **Educar**, n. 18, p. 143-153. Curitiba, 2001.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. 2 ed. Curitiba: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), 2006.

PAGNI, P. A. **Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000 (Coleção Fronteiras da Educação).

PARANÁ. **Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Ordinária de 1950**, pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, PR, 1950.

PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Relação dos Municípios do Estado Ordenados Segundo as Mesorregiões e as Microrregiões Geográficas do IBGE - Paraná - 2012**. 2012b. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/relacao\\_mun\\_micros\\_mesos\\_parana.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf). Acesso em 01 dez. 2017.

SCHELBAUER, A. R. Da roça para escola: institucionalização e expansão das escolas primárias rurais no Paraná (1930-1960). In: **História da Educação**. v.18, n.43, p.71-91, maio/ago. Porto Alegre, 2014.

SCHELBAUER, A. R; GONÇALVES NETO, W. Ensino primário no meio rural paranaense: em foco as escolas de trabalhadores rurais e de pescadores entre as décadas de 30 e 50 do século XX. In: **Cadernos de história da educação**. Vol. 12, n1, p.83-107, jan/jun. 2013.

SERRA, E. **Processos de ocupação e a luta pela terra agrícola no Paraná**. 1991. 361 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 1991.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

SILVEIRA, E. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **Médis: história e cultura** – v.6, n. 12. Jul/dez. 2007.

SOUZA, L. A. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar**. 2011. 420f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2011.

WERLE, F. O. C.; BRITTO, L. M. T. de S.; NIENOV, G. Escola Normal Rural e seu impresso estudantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45. p. 81-105, 2007.



## APÊNDICE 1

### TEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA - PROFESSORA ROSA MARIA



Nome completo da colaboradora: Rosa Maria Miotto

Idade: 63 anos

Data da entrevista: 28 de julho de 2017

Minha formação para atuar como professora foi somente o magistério. Estudei numa escolinha no sítio, a escola chamava Escola Vitório Ducini, localizada no Bairro Cabiuninha<sup>31</sup>.

Tudo começou assim: quando eu estava cursando o 4º ano do ginásio, eu fui convidada pelo saudoso prefeito municipal Jamil Fares Midauar<sup>32</sup> e pela saudosa inspetora municipal Geny Camargo Zulmires de Campos

<sup>33</sup>, para atuar como professora no ensino de Educação Integrada<sup>34</sup>, que era somente para adultos que não tiveram o privilégio de concluir o primário.

---

<sup>31</sup> Bairro Cabiuninha localiza-se a 25 km da cidade de Bandeirantes do estado do Paraná.

<sup>32</sup> Jamil Fares Midauar foi prefeito do município de Bandeirantes no período de 31/01/1973 - 30/01/1977.

<sup>33</sup> Geny Camargo Zulmires de Campos foi inspetora da Secretária da Educação no município de Bandeirantes.

<sup>34</sup> Educação Integrada alfabetização somente para adultos.

Comecei a trabalhar em uma escola de madeira no ano de 1973, localizada no Bairro Ormenezze. A escola chamava Casa Escolar Lourenço Ormenezze, deu-se esse nome porque o pai do proprietário que fez a doação do terreno chamava-se Lourenço Ormenezze. No ano seguinte comecei a lecionar para as 2ª e 4ª séries, e outra professora lecionava para a 1ª e 3ª série primária, no período matutino.

Trabalhei um ano na Casa Escolar, na escola de madeira, porque, em 1975, devido a situação precária da escola foi construída um novo prédio. Eu trabalhei nessa escola 32 anos e 4 meses. Minha vida toda!

Naquela época, que eu lecionava aulas na Casa Escolar, eu ensinava as matérias que eram exigidas para aquela época, como: Português, Matemática e Conhecimentos Gerais.

Na sala de aula havia apenas um quadro negro. Era uma sala aconchegante e arejada. O ensino era multisseriado. Por isso eu dividia o quadro em duas ou quatro partes, colocava os alunos em fileiras, não era fácil.

O material didático era fornecido pela Inspeção de ensino, era apenas o giz, a cartilha Caminho Suave<sup>35</sup> que usávamos para alfabetizar o 1º ano, e o livro de português para as séries seguintes e, também, um planejamento elaborado pela Inspeção.

As provas também eram elaboradas pela Inspeção de Ensino. O diário de classe era feito semanal e enviado para a inspeção analisar, para depois aplicarmos as aulas.

No ensino multisseriado eu fazia assim: enquanto eu estava tomando a leitura do 1º ano, o 2º ano estava fazendo um bilhete, o 3º ano estava resolvendo problemas e o 4º ano estava resolvendo arte e efêtu e tirando as provas reais das mesmas, e assim todos faziam e resolviam seus exercícios de português, de matemática ou de conhecimentos gerais. Era muito bom!

Naquela época havia também cópia, ditado, descrição de figuras e animais, redação, cartas, leitura silenciosa com perguntas, leitura oral individual e coletiva, tinha que decorar a tabuada, as perguntas de conhecimentos gerais: história, geografia, ciências, datas comemorativas e atualidades. Tudo isso eu ensinava.

E com isso eu ia revezando e me desdobrando para poder dar conta do recado.

No final do ano havia exames de leituras para o 1º ano. Se aprovado na leitura fazia o exame escrito. Os exames eram feitos pelas examinadoras escolhidas pela Inspeção de Ensino. As outras séries também eram do mesmo jeito.

---

<sup>35</sup> Cartilha Caminho Suave permaneceu durante as décadas de 40 a 90 como um instrumento de concretização de determinado método, ou seja, da sequência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura e escrita.

As crianças ingressavam na escola no ano que completassem 07 anos. Eles não sabiam nem pegar no lápis. Mas o amor pela minha profissão era tanta que Deus me abençoava e me iluminava para passar aos alunos o necessário para a sua aprendizagem.

Quando chegava o mês de agosto mais da metade dos meus alunos do 1º ano já estavam alfabetizados. Isso para mim era gratificante e maravilhoso. Eu era uma professora enérgica e muito exigente. Os meus alunos eram maravilhosos, muito educados e disciplinados. Eu amava a minha profissão de professora.

## ANEXO 1

## CARTAS DE CESSÃO



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procópio



## CARTA DE CESSÃO

Bandeirantes, 4 de outubro de 2017

Eu, **Deise Aparecida Fogati Castelani**, RG nº 3.725.835-0....., declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **22 de julho de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Deise Aparecida Fogati Castelani  
Assinatura



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procopio



## CARTA DE CESSÃO

**Bandeirantes, 18 de outubro de 2017**

Eu, **Iolanda Fernandes Garcia**, RG nº 104.783, declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **02 de outubro de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procópio



## CARTA DE CESSÃO

Bandeirantes, 4 de outubro de 2017

Eu, **Lídia Rosa de Paula Guerra**, RG nº 3.995.474-5....., declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **17 de julho de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procópio



## CARTA DE CESSÃO

**Bandeirantes, 4 de outubro de 2017**

Eu, **Maria Rosa de Oliveira**, RG nº 2.120.064.6....., declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **17 de julho de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procopio



## CARTA DE CESSÃO

**Bandeirantes , 18 de outubro de 2017**

Eu, **Neuza Augusta Oliveira Delgado**, RG nº 4.82.810....., declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **12 de outubro de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procopio



## CARTA DE CESSÃO

**Bandeirantes , 02 de outubro de 2017**

Eu, **Rosa Maria Miotto**, RG nº .....961545....., declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **28 de julho de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

R. Miotto

Assinatura



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
Campus Cornélio Procopio



## CARTA DE CESSÃO

**Bandeirantes, 4 de outubro de 2017**

Eu, **Neuza Augusta Oliveira Delgado**, RG nº 452.810....., declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia **26 de julho de 2017**, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Grasielly dos Santos de Souza, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura